

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Biológicas
Departamento de Ecologia e Zoologia
Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica

**Etnobotânica de Quintais Tradicionais da Planície Costeira do Campeche
(Florianópolis/SC).**

Monografia apresentada em agosto de 2009,
como exigência para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Biológicas, no
Centro de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientadora: Prof. Dra. Natalia Hanazaki
Co-orientadora: Elisa Serena Gandolfo

Thiago Marques Ribeiro
Florianópolis, 2009

Força suprema que gira o mundo com o seu grande poder,
Seu Nilson, meu pai, sempre apoiando,
Dona Silena, minha mãe, quem me ensinou a amar as plantas,
Meus irmãos Bruno e Natália, pelas brigas e reconciliações,
Gabriella Silva de Souza pelo companheirismo,
Natalia Hanazaki e Elisa Serena pela orientação,
Mari e Vic, pela atenção em algum momento desse trabalho,
Amigos da Bio e de outros cursos com quem em algum momento convivi,
“Camarás” do peito da biologia, irmãos de afinidades que ensinaram as
lições mais valiosas
Professores que foram mestres,
Em especial ao Daniel Falkenberg, pela identificação das plantas e,
Por ministrar a melhor disciplina do curso: Botânica de Campo,
Capoeiragem, que “bota o mundo de pernas para ar”,
Bicicleta, com quem eu girei pelos quintais,
Ao muitos e muitos quintais e roças desse mundo de meu deus,
Finalmente, às pessoas da banca, Luciana e Nivaldo

Agradecido de Coração. Foi um prazer conviver com vocês

Sumário

Lista de Figuras	04
Lista de Tabelas	05
Resumo	06
1. Introdução	07
1.1. Quintais como agroecossistemas urbanos	08
2. Objetivos	11
2.1. Objetivos gerais	11
2.2. Objetivos específicos	11
3. Local de Estudo	12
3.1. Distrito Campeche	12
4. Métodos e Coleta de Dados	14
4.1. Metodologia	14
4.2. Coleta de dados	15
4.3. Análise de dados	16
5. Resultados e Discussão	18
5.1. Perfil sócio-econômico	18
5.2. Importância dos quintais para a alimentação	23
5.3. Diversidade de plantas utilizadas para a alimentação	25
5.4. Espécies exóticas e nativas	34
5.5. Plantas espontâneas e cultivadas	35
5.6. Forma de obtenção das plantas	36
5.7. Abundância das plantas	37
5.8. Variedade de aipins	40
5.9. Uma sociedade em transformação	45
5.10. O que há de tradicional na comunidade tradicional?	48
7. Considerações finais	53
8. Referências	55
Anexos	60

Lista de figuras

- 1** Localização do distrito do Campeche (parte destacada em vermelho), Florianópolis/SC. Fonte: Martins, 2008
- 2** Responsáveis pelo cuidado com os 10 quintais visitados. Campeche. Ilha de Santa Catarina/SC.
- 3** Número de entrevistados em cada faixa etária, para 2 entrevistados do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 4** Escolaridade dos 12 entrevistados do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 5** Renda mensal nos 10 domicílios visitados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 6** Histórico de moradias dos 12 entrevistados. Campeche. Ilha de Santa Catarina/SC.
- 7** Tamanho, num passado recente, dos 10 quintais visitados. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 8** Importância dos quintais na visão dos 12 entrevistados para a alimentação de suas famílias. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 9** Famílias com maior número de espécies nos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 10** Famílias com maior frequência de indivíduos citados pelos entrevistados nos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 11** Espécies mais citadas nos 10 quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 12** Curva de acumulação de espécies nos 10 quintais estudados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 13** Hábito ecológico das 58 espécies de plantas encontradas nos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

- 14 Plantas colhidas, ganhas e compradas dos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 15 Algumas das espécies mais abundantes em 10 quintais estudados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 16 Algumas das variedades com maior abundância em estudo em 10 quintais no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC..
- 17 Variedades com maior abundância cuja soma dos indivíduos foi impraticável em estudo nos 10 quintais no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 18 Caule e folhas em diferentes estágios de desenvolvimento do “aipim amarelo” do Seu `MV`. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 29 Caule e folhas jovens do “aipim branco” do Seu ‘MV’. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 20 Caule e raiz de “aipim cacau” ou “roxo” do Seu ‘MV’. Reparare na cor da casca interna. Abaixo ramo de aipim da Dona ‘Ne’. Possivelmente representam a mesma variedade do “aipim cacau”. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 21 Variedade de aipins do Seu ‘M’. Acima – “aipim da folha vermelha”, aspecto geral da planta e folhas. Abaixo: Aspecto geral do ramo do “aipim da folha verde”. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 22 Entrevistados colhendo aipins para a pesquisa. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Lista de Tabelas

- 1 Listagem de variedades e espécies presentes em 10 quintais de moradores do distrito Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 2 Riqueza de variedades por tamanho de quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Resumo

Os quintais são unidades produtivas manejadas a milênios, sendo locais cruciais para cultivo, seleção e proteção de muitas plantas úteis. Constituem-se como espaços de usos múltiplos que ficam próximo à residência do grupo familiar. Neste local ocorre o plantio de espécies alimentícias, medicinais e ornamentais, dentre outras, havendo também a criação de animais. Os quintais mantêm parte da história local, podendo ser reservatórios atuais potenciais de recursos vegetais. O objetivo deste trabalho foi o de investigar as relações entre populações tradicionais e seus quintais na planície costeira Campeche (Florianópolis/SC), local que se encontra em processo acelerado de urbanização. Foram investigadas as mudanças históricas no uso, importância e valorização dos quintais, enfatizando a análise das plantas utilizadas para a alimentação. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas com os moradores nativos, com mais de 40 anos de idade, pertencentes à comunidade tradicional. Em cada propriedade foram entrevistados somente os responsáveis pelo manejo do quintal, sendo efetuadas perguntas sobre a história do quintal, as plantas e a importância para alimentação. Foram visitados 10 quintais, divididos em: pequenos (n=3), de no máximo 600 m², somando um total de 18 espécies, os médios (n=2), variando de 600 m² a 1200 m², com um total de 45 espécies e os grandes (n=5) acima de 1200 m² apresentaram 107 espécies. Foram identificadas 58 espécies científicas dentro de 32 famílias botânicas. As famílias com o maior número de espécies foram Myrtaceae e Rutaceae. A família Myrtaceae também se apresentou com o maior número de espécies nativas no estudo (n=7). As plantas mais citadas no Campeche, que ocorreram em um maior número de quintais, foram as variedades de *Musa* sp. e laranjas (*Citrus sinensis* L. Osbeck), Vergamotas e Pocãs (*Citrus reticulata* Blanco), aipim (*Manihot esculenta* Crantz) e Pitangas (*Eugenia uniflora* L.). As variedades locais de aipim (*Manihot esculenta* Crantz) foram fotografadas e comparadas umas com as outras. Os quintais constituem um dos últimos elos de relação direta entre o ser humano e o ambiente para obtenção de alimentos em ambientes urbanos, fornecendo serviços ambientais valiosos a esse tipo de ambiente. A perpetuação dos quintais depende, porém que as pessoas queiram continuá-los e que as condições da estrutura urbana não os suprima.

Palavras chave: etnobotânica, áreas de cultivo, conhecimento tradicional, urbanização.

1. Introdução

O relacionamento do ser humano com seu ambiente se expressa nas diferentes formas de conhecimento e exploração dos recursos naturais, ajudando a desenhar a paisagem do ambiente e a cultura dos povos em diferentes localidades. Segundo Posey (1987a) a etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e dos conceitos desenvolvidos por qualquer sociedade a respeito da biologia, ou ainda, o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos utilizados pelos povos em estudo (Posey, 1987a). A etnobotânica pode ser definida como o estudo das interações entre pessoas e plantas inseridas em sistemas dinâmicos (Hanazaki, 2004) com componentes naturais e sociais (Alcorn, 1995). Em outras palavras, “*é o estudo do uso contextualizado das plantas*” (Alcorn, 1995). A ecologia das plantas utilizadas também define padrões dentro das sociedades humanas como épocas de colheita relacionadas a festividades (Alcorn, 1995).

Um agroecossistema é um local de produção agrícola, porém compreendido como um ecossistema. É baseado em princípios ecológicos e compreensão de ecossistemas naturais. Isto permite analisar os sistemas de produção de alimentos como um todo, incluindo seus conjuntos complexos de insumos e produção e as interações entre as partes que os compõem. Possibilita comparar fluxos de energia, ciclagem de nutrientes, mecanismos reguladores de população e a estabilidade do sistema (Gliessman, 2005).

Características semelhantes aos de ecossistemas naturais são desejáveis em agroecossistemas sustentáveis. Agroecossistemas que incorporem algumas qualidades dos ecossistemas naturais, como a resiliência, a estabilidade e a produtividade podem assegurar a manutenção do equilíbrio dinâmico necessário para estabelecer uma base ecológica de sustentabilidade (Gliessman, 2005). Neste trabalho parte-se do pressuposto que os quintais podem ser compreendidos como agroecossistemas em meio a ambientes urbanizados, onde ocorrem dinâmicas entre pessoas e as plantas ali cultivadas.

Modelos alternativos de desenvolvimento baseados nos conhecimentos indígenas e *folk*/tradicional, podem ser empregados para formular novas estratégias de exploração de recursos (Posey, 1987b). Idéias e atitudes com relação à conservação vêm mudando para incorporar termos como sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e conhecimento tradicional, porém poucos investimentos e esforços de pesquisa têm sido direcionados para abordagens que integrem todas essas idéias (Begossi, 1998, *apud* Albuquerque 2008). O saber dos povos locais é visto como um importante elemento nos debates sobre o uso de recursos naturais (Albuquerque, 2008).

1.1. Quintais como agroecossistemas urbanos

O cultivo de plantas e a criação de animais em quintais são atividades praticadas há vários milênios. A humanidade vem cultivando e, conseqüentemente, selecionando as espécies vegetais que melhor servem à sua utilização. No decorrer desse tempo, acumulamos conhecimento dos ambientes naturais e sua forma de manejo, necessários para obter melhores resultados no cultivo de diferentes espécies para fins alimentares, medicinais, ornamentais, religiosos entre outros (Amorozo, 2008). Tal conhecimento está presente em atividades humanas das mais variadas, desde grandes lavouras industriais, até em cultivos de pequena escala presentes em terrenos junto às moradias, conhecidos como “quintais”, que podem ser entendidos como:

(...) a área ao redor da casa onde são feitos plantios de árvores, cultivos de grãos, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais e criação de animais, na mesma unidade de terra. (Neto et al., 2004, p.126)

O quintal pode ser compreendido como um espaço de usos múltiplos que fica próximo à residência do grupo familiar (Amorozo, 2008). São sustentáveis por requererem poucos insumos e por sua diversidade permitir produzir durante o ano todo, fornecendo algum(ns) alimento(s) a cada mês (Neto *et al.*, 2004). Esses sistemas oferecem meios de promover a diversificação da dieta e retorno financeiro, estabilidade de produção, minimização de riscos, redução de incidência de doenças e insetos, uso eficiente do esforço de trabalho, intensificação da produção com recursos limitados, e maximização de retornos com níveis tecnológicos baixos (Altieri, 1999). Sua finalidade primária é a produção de alimento para complementação da dieta familiar. Porém, uma alta diversidade de espécies, com múltiplas finalidades, é cultivada nos quintais, tais como plantas usadas para construção, combustível, artesanato, ornamental, sombra, fibra, religião e medicina. (Fernandes & Nair, 1986; Nair, 1991).

É um subsistema dentro de um sistema maior de obtenção de alimentos, visando a produção para o consumo doméstico de itens que não podem ser obtidos, nem estão facilmente disponíveis, ou cujo custo seja impraticável por meio da cultura no campo, complementando a colheita, a pesca, a pecuária ou recebimento de salários (Niñez, 1984).

Os quintais são de grande importância na sustentação dos povos (Moura & Andrade, 2007), contribuindo em maior ou menor escala para a segurança alimentar¹ dos diferentes

1 Segurança alimentar é definido pela FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) como o acesso físico e econômico à comida para todas as pessoas em todos os tempos. Swaminathan (1987) relata a necessidade de ampliar esse conceito para cobrir todos os aspectos de uma nutrição balanceada, assim como o acesso à água limpa potável para que todos os seres humanos tenham a oportunidade de expressar por completo seu potencial genético inato para desenvolvimento físico e mental.

grupos sociais. Segundo Duque-Brasil *et al.* (2007) os quintais são unidades produtivas manejadas há décadas ou anos, sendo, portanto, locais cruciais para o cultivo, proteção e seleção de muitas plantas reconhecidas como úteis pelos agricultores familiares. Assim os quintais preservam parte da história local e podem ser considerados reservas atuais e potenciais de recursos vegetais. A história de ocupação de uma dada região e contatos com outras sociedades são influências que podem ser identificadas na composição florística dos quintais (Amorozo 2008).

Na maior parte dos quintais (...) estão presente espécies do Velho mundo, introduzidas pelo colonizador português: mangueiras, bananeiras e cítricos, entre as árvores frutíferas; capim-cidreira (Cymbopogon citratus (DC) Stapf.), várias espécies de hortelã (Mentha spp.), entre as ervas medicinais. Também aí, cruzam-se conhecimentos e visões de mundo de diferentes origens, por exemplo, expressas na presença, bastante comum, de plantas contra o mau olhado, como a arruda (Ruta graveolens L.) utilizadas nas religiões afro-brasileiras, como espada-de-são-jorge (Sansevieria spp.) e guiné (Petiveria alliaceae L.). (Amorozo, 2008, p. 15).

Os quintais podem constituir-se em um dos sistemas agroflorestais² mais importantes devido à sua produção ser intensiva oferecendo grande quantidade e variedade de produtos em uma área reduzida, satisfazendo muitas necessidades do agricultor e de sua família (Neto *et al.*, 2004). Swaminathan (1987) relata que muitos solos afetados por problemas como alta salinidade ou alagamento podem se tornar apropriados para o cultivo por meio de práticas agroflorestais e ainda prover os agricultores com alguma renda.

Neste contexto é proposto o papel da agrofloresta e dos quintais em particular para ajudar a alcançar a sustentabilidade ecológica e a segurança nutricional. Exemplos de agroflorestas são muitos em diferentes partes do mundo, aonde lenhosas perenes são deliberadamente misturadas ou mantidas com as culturas e/ou unidades de produção animal, com vista a otimizar os benefícios econômicos e ecológicos resultantes da interação (Nair, 1991). A agroecologia é considerada como base científica para uma agricultura alternativa (Altieri, 2002), em que novas abordagens de investigações científicas demonstram que sistemas alimentares sustentáveis podem ser ao mesmo tempo econômica, ambiental e socialmente viáveis, contribuindo positivamente para a segurança alimentar e nutricional em níveis familiares, regionais e nacionais (Poubel, 2006).

Quando compreendidos como agroecossistemas os quintais oferecem serviços ambientais valiosos, principalmente em áreas urbanizadas aonde áreas verdes se tornam escassas. O cultivo de plantas e árvores nos quintais ajuda a compor, em conjunto com

2 O termo agrofloresta pode ser entendido como “um novo nome para uma prática antiga”, devido a esse sistema ser provavelmente tão antigo quanto os quintais e outros sistemas tradicionais de manejo do ambiente (Peri, 1999; Nair, 1999; Agroforestry, action sheet 35.)

outros espaços plantados, como praças e parques, ilhas de vegetação que contribuem para melhorar a qualidade de vida nas cidades (Amorozo, 2008). Reciclagem de nutrientes, controle do microclima local, regulação dos processos hídrológicos, regulação de organismos indesejáveis, e desintoxicação de químicos nocivos são alguns dos serviços prestados para o ecossistema pelos sistemas agrícolas (Altieri, 1999). São também áreas de infiltração de água da chuva, em um ambiente onde a maior parte do solo é impermeabilizado (Amorozo, 2008). As informações disponíveis indicam que os quintais têm um alto potencial de sequestro de carbono quando comparado a sistemas de produção monoespecíficos (Kumar, 2006).

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Investigar as relações entre os moradores tradicionais e cultivos de alimentos em quintais na planície Campeche, local em processo de urbanização. Visa também investigar mudanças históricas nas formas de utilização, valorização e importância dos quintais.

2.1. Objetivos Específicos

- Analisar o que é considerado quintal e qual a sua importância na percepção das famílias visitadas;
- Analisar o conhecimento dos moradores tradicionais do Campeche acerca da variedade de espécies vegetais nos quintais para fins alimentícios;
- Identificar e quantificar as espécies de plantas presentes nos quintais e utilizadas para fins alimentícios pela população;
- Investigar a diversidade intraespecífica de *Manihot esculenta* (Crantz) nos quintais.
- Compreender possíveis mudanças na forma de utilização e percepção dos quintais pela população tradicional.

3. Local de Estudo

3.1. Distrito Campeche

O distrito do Campeche foi criado em 1995 pela Lei 4.805/95. Pertence ao município de Florianópolis e está localizado a cerca de 20 km do centro da cidade. Situado numa faixa paralela ao mar, estendendo-se por 3.800 metros de praia, com área aproximada de 35,32 km² (figura 1).

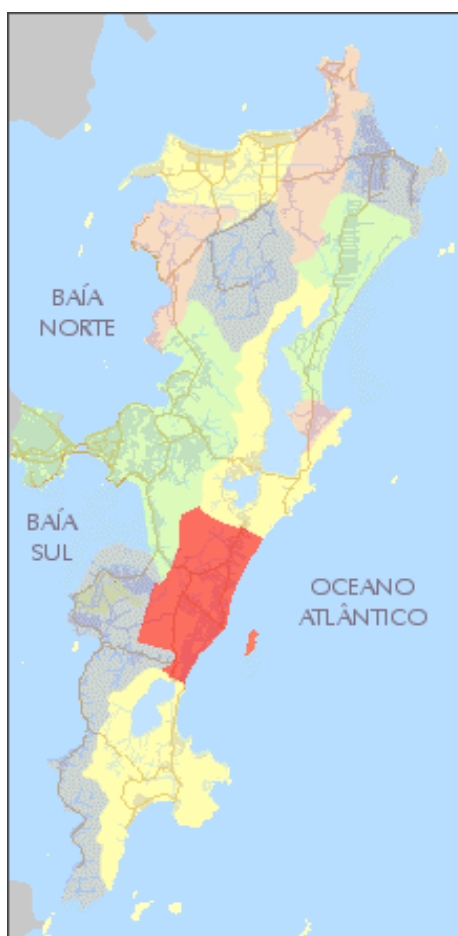


Figura 1 – Localização do distrito do Campeche (parte destacada em vermelho), Florianópolis/SC. Fonte: web-site da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Localidade com pessoas de origens diversas, o Campeche atual tem como moradores mais antigos os descendentes de açorianos, remanescentes de uma cultura agrícola somada à pesca artesanal e à caça. A primeira freguesia que se tem registro a se instalar próximo ao local do atual distrito do Campeche data de 1809. Desmembrada da freguesia original, a de N. Sra. do Desterro da Ilha de Santa Catarina, surge a freguesia de N. Sra. da Lapa do

Ribeirão (CECA, 1996). Não há informações precisas sobre número de habitantes para o começo da ocupação do local aonde, futuramente, se instalaria o distrito Campeche. Estes primeiros habitantes, principalmente de origem Açoriana, ocuparam a região de forma quase que exclusiva até meados do século XX (CECA,1996).

De acordo com o Plano de Desenvolvimento – Campeche, elaborado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis em 1992, havia uma projeção de ocupação de 450.000 pessoas para a região nos próximos anos, população essa que superaria toda a população da grande Florianópolis, que era de 395.396 em estimativa realizado pelo IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) no ano de 2007 (Amora, 1996; Neves, 2003, Campanário, 2007). O mesmo estudo levantou que a população para todo o distrito Campeche foi de 21.484 pessoas (Campanário, 2007). Com solo propício para a construção civil o bairro constitui-se no momento como a principal área de expansão urbana do município de Florianópolis. Os moradores mais recentes vindos a partir do final da década de 1960, advindos do centro da cidade ou de outros centros urbanos do estado e do país, buscavam no local aspectos que tornam o bairro atrativo para estabelecer residência.

O Campeche localiza-se próximo ao centro da cidade, possui praias ainda não poluídas, clima ameno, áreas verdes com o Morro do Lampião emoldurando. Os terrenos são planos e com preços relativamente acessíveis à classe média. Além disso, trata-se de um bairro tranqüilo, com um povo pacato e que ainda preserva aspectos de seu antigo modo de vida. (Neves, 2003, p.21).

4. Métodos e Coleta de Dados

4.1. Metodologia

Para investigar as relações entre os moradores tradicionais do Campeche e os cultivos de quintais, inicialmente fez-se necessário encontrar as pessoas remanescentes da comunidade tradicional que ainda possuem cultivos em seus quintais. Considerando que estes moradores hoje são minoria no bairro e que estão instalados em moradias espalhadas por todo o distrito, foi necessário selecionar os entrevistados. Para tanto foi utilizada uma amostragem não-probabilística ou intencional de escolha dos informantes que seguiram critérios específicos dos entrevistados, e que diziam respeito ao problema de investigação do estudo (Albuquerque *et al.*, 2008a). Os critérios adotados neste estudo para a inclusão de entrevistados são de que os informantes deveriam ter mais de 40 anos, e que sua história estivesse intimamente ligada às atividades tradicionais rurais ou de pesca. Estes também deviam ser nascidos e/ou criados no bairro.

Entretanto, a ligação com um passado marcado pela exploração dos recursos de terra e mar foi considerada o critério mais relevante para a inclusão dos informantes. Para assegurar que os entrevistados tivessem ligação com a comunidade tradicional, foi sempre perguntado, em conversas iniciais antes da entrevista formal, sobre seu passado: se eram nascidos e/ou criados no bairro Campeche, as atividade que desenvolveram quando eram crianças ou adolescentes, além do histórico de residência de seus pais e avó. Houve também a preocupação de investigar a relação de seus pais e avós com a agricultura e a pesca, no sentido de que estes pudessem ser categorizados como remanescentes de um passado cultural ligado a atividades tradicionais, como o trabalho de subsistência.

Com relação a estes critérios tivemos uma exceção. Diz respeito à Dona 'R'. Esta é cônjuge há 22 anos do Seu 'L' que foi indicado por outros entrevistados. Como ela estava presente no momento da entrevista ao Seu 'L' e se interessou pela pesquisa, além de declarar ser ela também responsável pelos cuidados com o quintal, a entrevista aconteceu com os dois juntos. Ela é nativa de Biguaçu, município vizinho à Florianópolis. Dona 'R' também tem seu passado marcado por atividades rurais, segundo relatos de como era seu quintal no local aonde se criou. O casal domina algumas técnicas de artesanato, como a confecção de "esteiras", "balaios" e "tapitis", dentre outros. Todavia, neste quintal considerou-se o Seu 'L' como o informante principal e, havendo divergência entre os dois com relação ao nome de alguma planta, a resposta do Seu 'L' era priorizada.

Houve dificuldades em localizar os moradores nativos³ que, muitas vezes não estavam nas localizações indicadas pelos entrevistados, ou não se disponibilizaram a participar. Para obter mais indicações, o pesquisador valeu-se de uma rede de pessoas amigas ou conhecidas, que indicaram outras pessoas nativas do Campeche. Deste modo foram localizados e visitados os quintais de números 1, 3 e 7. Os entrevistados também eram sempre questionados a respeito de outros moradores nativos que pudessem vir a participar das entrevistas. As indicações dos participantes da pesquisa levaram aos quintais de números 2, 4, 5, 8, e 10. Outra abordagem utilizada para localizar os moradores tradicionais foi através da observação da arquitetura das casas e da composição florística dos quintais. Desta maneira foram conhecidos mais dois dos entrevistados, que resultaram nas visitas aos quintais de número 06 e 09. O quintal de número 06 entretanto, após ser visitado veio a ser indicado por outros entrevistados do trabalho. Desta forma foram incluídos na pesquisa 10 quintais.

4.2. Coleta de dados

A primeira etapa da entrevista consistiu em obter o consentimento prévio dos participantes da pesquisa, informando-os sobre os objetivos do estudo, seus procedimentos e também sobre a possibilidade de em qualquer momento abandonar sua participação no estudo. Este consentimento foi documentado através de um termo de consentimento ou anuência prévia (anexo I). Dados sócio-econômicos e etnobotânicos foram levantados através de entrevistas, utilizando um questionário sócio-econômico (anexo II) e um inventário (anexo III) no local de residência dos entrevistados. Em cada residência foram entrevistadas somente as pessoas envolvidas na manutenção e/ou manejo do quintal. As entrevistas ocorreram de março a julho de 2009.

A convivência com os informantes se deu em suas residências, a partir de entrevistas semi-estruturadas, nas quais as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir a campo. Por apresentarem grande flexibilidade, as entrevistas semi-estruturadas permitem que pesquisador aprofunde elementos que podem ir surgindo durante a entrevista (Albuquerque *et al.*, 2008b). Foram efetuadas perguntas sobre as espécies presentes nos quintais e seus usos, sendo considerada exclusivamente a categoria de uso alimentar. O inventário das plantas presentes no quintal foi feito na forma de um passeio com os entrevistados, no qual os próprios moradores guiaram o entrevistador, mostrando as plantas na ordem que eles escolheram, com o pesquisador sempre atento a espécies de plantas que

³No trabalho de Dias (1995) nativo é relacionado com um passado cultural marcado pela tradição agrícola e pesqueira dita 'ilhoas'. É uma expressão usada pelo grupo em seu cotidiano (Mühlbach, 2004).

passassem despercebidas. Foram coletadas informações sobre as plantas com relação ao manejo – se eram espontâneas ou cultivadas, a forma como os entrevistados as obtiveram – se ganharam de alguém, colheram ou compraram os frutos/sementes ou propágulos da planta. Também foi questionado com relação à origem das plantas, o local de onde elas vieram e também se o(a) entrevistado(a) já doou para alguém um fruto/semente ou propágulo da planta. Foram efetuadas perguntas com relação ao histórico do quintal: se ele já foi maior do que é atualmente, se já teve mais espécies de plantas do que hoje, quais as plantas que existiam no quintal no passado, há quanto tempo o quintal pertence à família, a sua importância na alimentação da família, e quem são as pessoas que cuidam do quintal. Houve ainda um diário de campo, que era escrito sempre após o fim de uma entrevista.

As informações e nomes das plantas citadas pelos entrevistados foram anotados e amostras das espécies foram coletadas e herborizadas. Sempre que possível fotos das plantas foram tiradas em campo. Registro fotográfico também foi efetuado das amostras de plantas ainda frescas, sobre um fundo preto, antes de prensar o material botânico. A identificação das plantas coletadas foi feita com a ajuda do professor do Departamento de Botânica da UFSC, Daniel Falkenberg. Para a identificação das plantas, o referencial teórico utilizado foi: Lorenzi, et al. 2006, e Souza e Lorenzi, 2005. Algumas exsicatas foram depositadas no herbário FLOR da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outras depositadas na coleção de referência do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica da UFSC.

Este inventário e o questionário citado acima seguem modelos de outros inventários/questionários utilizados em outras pesquisas do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica do departamento de Zoologia e Ecologia / CCB – UFSC, como no trabalho de Lacerda (2008). Outro procedimento que visou enriquecer o banco de dados da Mata Atlântica foi o tratamento diferenciado que houve com indivíduos de *Manihot esculenta* (Crantz) nos quintais investigados. Os indivíduos foram coletados, tendo suas características anotadas nas entrevistas. Fotos foram tiradas das folhas dos aipins encontrados, além dos ramos (caules) e raízes quando possível.

4.3. Análise dos dados

Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. Para a análise quantitativa, foi utilizada a estatística descritiva para os dados sócio-econômicos e etnobotânicos. Para a análise da diversidade dos quintais, foi escolhido o índice de diversidade de Shannon-Wiener (H'), que considera a riqueza das espécies e sua abundância relativa, sendo definido por:

$$H' = -\sum (P_i \cdot \log P_i)$$

Onde P_i = proporção relativa da espécie $i = n_i/N$; n_i = valor de importância de cada espécie ou grupo, N = total dos valores de importância. (Araújo e Ferraz, 2008; Begon, 2006).

5. Resultados e Discussão

5.1. Perfil sócio-econômico

Foram entrevistadas 12 pessoas em um total de 10 quintais. Em 8 quintais somente uma pessoa se disponibilizou a participar das entrevistas. Em dois dos dez quintais visitados, houve dois entrevistados que se dispuseram a participar da entrevista. Dos 12 participantes da pesquisa, 6 eram do sexo masculino e 6 do sexo feminino. O objetivo do trabalho era o de investigar o conhecimento de quem está envolvido na manutenção dos quintais, o que na maioria dos casos era tarefa para mais de uma pessoa (figura 02).

A diferença entre o número de entrevistados e o número de quintais, se deu então, devido às circunstâncias de dois dos quintais visitados em que, na primeira estava presente a filha de um dos entrevistados e, em outro caso, a companheira de outro entrevistado. Porém, como nem sempre todas as pessoas que cuidam do quintal estavam disponíveis, entrevistou-se na maioria dos quintais (n=8) apenas uma pessoa. Em todos os casos as pessoas entrevistadas diziam serem elas quem dispensavam os maiores cuidados com seus quintais. Houve um caso em que uma senhora afirmou que ela e o marido (ausente no momento da entrevista) eram os principais “jardineiros” e em outro, um casal dividia suas tarefas. A esposa tinha a função de cuidar das plantas ornamentais e o esposo, o Seu M., cuidava principalmente da parte do quintal destinada às plantas alimentícias, sendo ele entrevistado então.

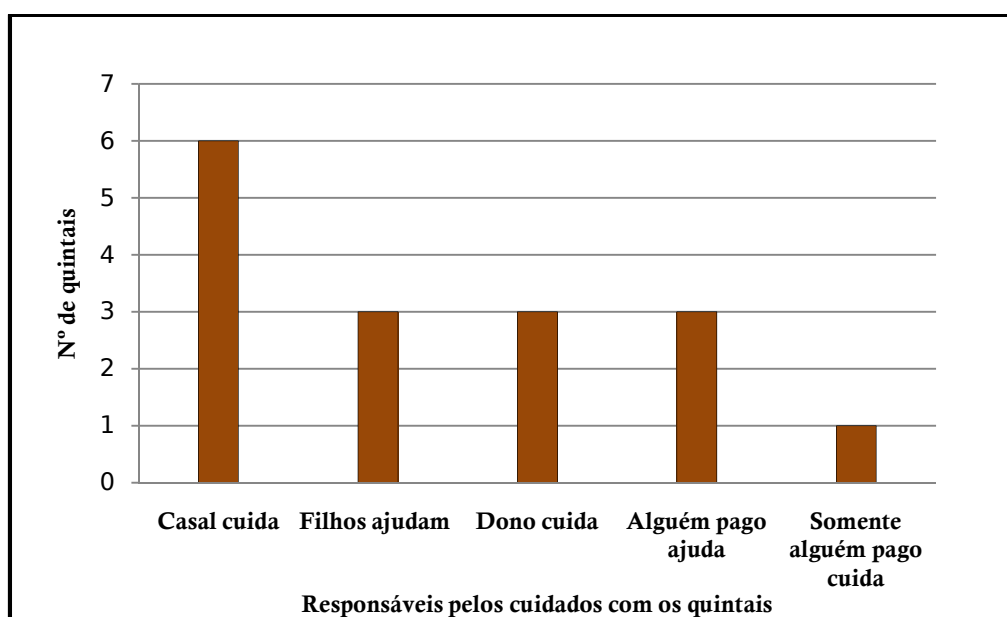


Figura 02: Responsáveis pelo cuidado com os 10 quintais visitados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Nota-se na figura 02 que o número de quintais distribuídos nas diferentes categorias é maior do que o número total de quintais, pois um mesmo quintal pode ser referido em mais de uma categoria. Especificamente, o quintal de nº04 foi inserido nas categorias “Casal cuida” e “Alguém pago ajuda”. Já os quintais de nº 05, 07 e 09 foram inseridos nas categorias “Casal cuida” e “Filhos ajudam” e os quintais de nº 06 e 08 foram inseridos nas categorias “Dono cuida” e “Alguém pago ajuda”. Apenas os quintais de nº 1, 3 e 10 foram inseridos somente em uma categoria, respectivamente: “Somente alguém pago cuida” e “Casal cuida”.

A idade dos entrevistados tinha sido estipulada na metodologia como de no mínimo quarenta anos. Então, tivemos uma variação de idade entre 43 e 91 anos, como mostra a figura 03:

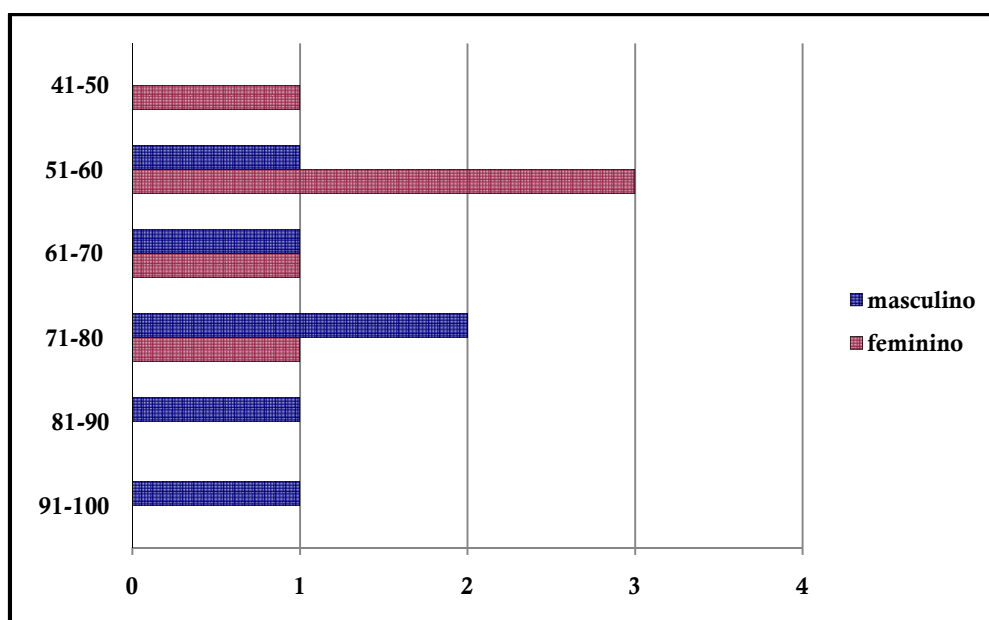


Figura 03: Número de entrevistados em cada faixa etária, para 12 entrevistados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Os entrevistados declararam que, nas 10 unidades residenciais, haviam 35 residentes no total. Esse número elevou-se devido a um dos quintais que, com uma área relativamente pequena (500 m²), foi declarado haver 11 residentes, em duas casas bem perto uma da outra. A média de moradores foi de 3,5 moradores por propriedade – 10 quintais – ou, se adicionarmos uma casa – 11 casas, a média fica em 3,18 moradores por residência.

Com relação à escolaridade dos entrevistados (figura 04), nenhum deles chegou a freqüentar o ensino superior. Dos três entrevistados com ensino médio, um deles o completou

depois de adulto (Educação de Jovens e Adultos), assim como uma senhora que completou o ensino primário recentemente, já perto dos 80 anos.

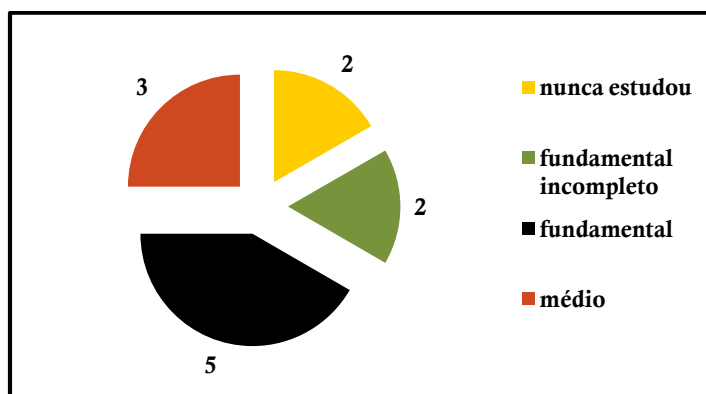


Figura 04: Escolaridade dos 12 entrevistados do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

A renda familiar dos entrevistados (Figura 05) foi caracterizada com base no salário mínimo. Três dos dez domicílios declararam renda entre 2 e 3 salários (R\$ 930 a 1.395), outros três domicílios declararam renda de 4 a 6 salários (R\$ 1.860 a 2.790) e quatro domicílios declararam renda de 7 a 9 salários (R\$ 3.255 a 4.185).

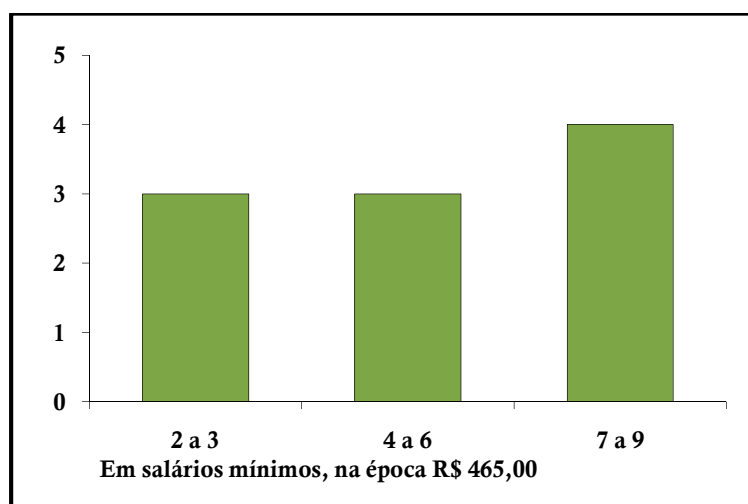


Figura 05: Renda nos 10 domicílios visitados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Dos 12 entrevistados somente um declarou não ser nascida ou criada no Campeche. Diz respeito a uma senhora nascida em Biguaçu, a Dona 'R'. Ela é cônjuge de um dos entrevistados nativo no Campeche, o Seu 'L', sendo que ambos cuidavam do quintal e

participaram das entrevistas. O Seu 'L' é reconhecido como bom lavrador, tendo possuído um dos últimos engenhos de farinha do Campeche.

Com a exceção de 4 dos entrevistados que moraram no mesmo local desde suas infâncias (Figura 06), aonde “se criaram”, e de outra que veio morar no Campeche aos 47 anos, os outros 7 entrevistados mudaram de endereço – dentro do Campeche, muita vezes vizinho a seus pais – para constituir família.

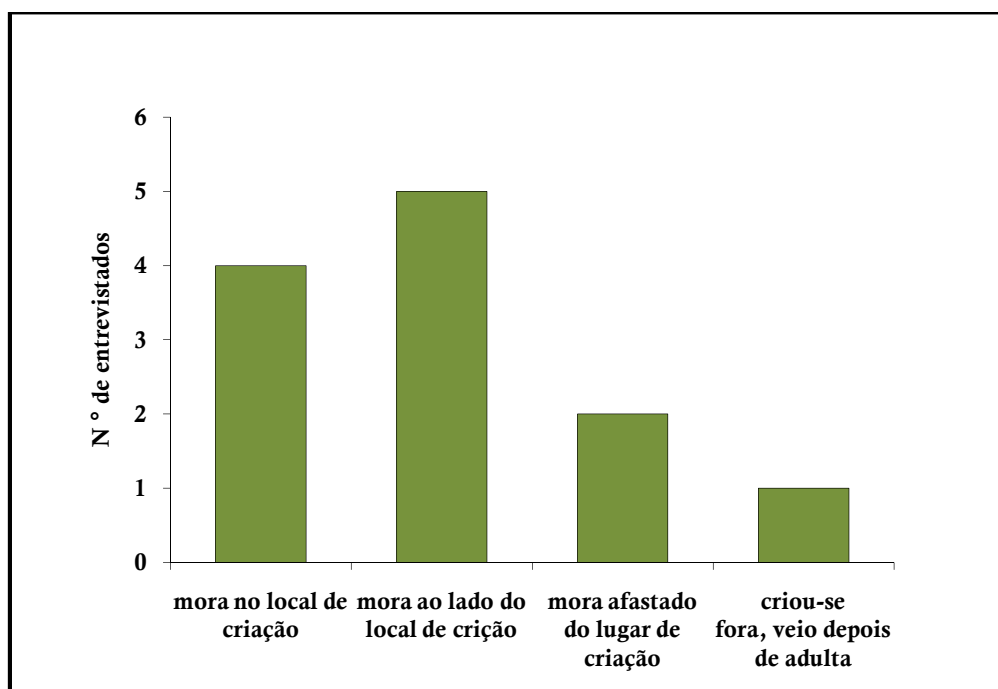


Figura 06: Histórico de moradias dos 12 entrevistados. Campeche. Ilha de Santa Catarina/SC.

Dois deles consideraram que moram mais afastados de seu local de criação, mas vale salientar que a categoria “afastado do lugar de criação” é relativa, pois em todos os casos a mudança foi para o mesmo bairro. Serve apenas para diferenciar dos que moram em terrenos vizinhos aos de seus pais, havendo por isso um contínuo no espaço de plantio entre diferentes gerações, sendo que muitas espécies dos quintais foram herdadas. Isso é bastante representativo quando vemos as jabuticabeiras (*Myrciaria trunciflora* O. Berg) centenárias do Seu B., junto com outras espécies já de grande porte de mirtáceas como o Cambucá (cf. *Plinia edulis* (O. Berg.) Nied), ou os pés de abacate (*Persea americana* Mill.) de mais de 10 metros de altura, formando uma ilha de vegetação arbórea em um meio cada vez mais urbanizado. Porém a herança não é refletida somente no porte avantajado das árvores, mas também na maior diversidade de variedades de plantas.

A localidade onde moraram durante suas vidas reflete, em parte, as respostas sobre o tamanho dos quintais no passado. Alguns dos entrevistados de idade mais avançada

disseram ter distribuído parte de seus terrenos entre seus filhos, além de haver relatos de venda para terceiros. Já os quintais que foram declarados como sendo do mesmo tamanho que no passado são, essencialmente, os de propriedade de nativos que se mudaram para constituir família, morando nesses locais há relativamente menos tempo, apesar de serem nativos do local (Figura 07). Nenhum entrevistado considerou seu quintal como sendo menor no passado do que atualmente.

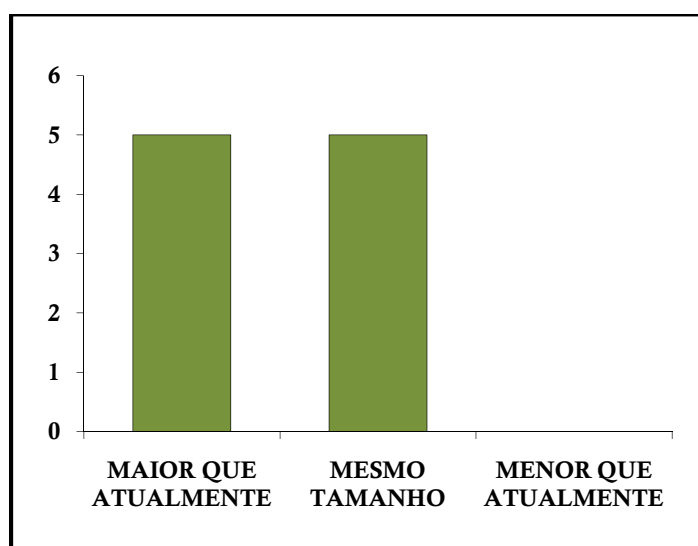


Figura 07: Tamanho, num passado recente, dos 10 quintais visitados. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Em dois dos quintais relatados como sendo do mesmo tamanho que no passado, chama a atenção alguns aspectos. Em um deles o entrevistado relatou ter vendido parte de seus terrenos para um vizinho que derrubou quase todas as espécies frutíferas, deixando apenas as laranjeiras. Então seu quintal deve ter sido maior no passado. Em outro caso a área que o entrevistado considerou como seu quintal – ou “chácara”, como preferem chamar – não diminuiu. Porém, este já vendeu extensas áreas adjacentes que não eram consideradas como parte de seu quintal.

Um quintal com grande diversidade de frutíferas arbóreas é denominado de “chácara” pelos nativos do bairro. Normalmente está acompanhada de animais, como aves e porcos, além de plantas alimentícias de menor porte, medicinais e ornamentais. A “chácara” é era plantada sempre ao redor da casa. Segundo Seu ‘M’,

“(...) às vezes quando acabava de construir a casa já fazia uma festa e plantava ali ao redor tudo que a pessoa precisa (...) parecia que morava no mato”.

Provavelmente a “chácara” supria em grande parte as necessidades da família de frutas, verduras e outros gêneros de alimentos, pois

“Se fizesse uma feira igual dessas que tem por aí hoje (...) mas num vendia nada” (Seu ‘M’).

A “chácara”, no que se refere às plantas de porte maior, como as espécies frutíferas de porte arbóreo, migrou do entorno da casa para uma área ao lado ou nos fundos da casa. Em outros casos a casa migrou. Os nativos deixaram a casa antiga, vindo morar em uma nova num terreno preparado já em outro modelo de quintal, que alguns dos entrevistados chamam de pátio, como revela a fala do Seu ‘M’,

“Quando tem só um pouco de fruta plantada, junto com um pastinho [referindo-se aos gramados] ou pavimento chama de pátio ou quintal também”.

A mudança da localização, principalmente das espécies arbóreas frutíferas, se deve talvez ao crescimento urbano e à chegada de novos conceitos sobre como deve ser a estética da casa/quintal. Normalmente ao redor da casa estão as plantas ornamentais e um gramado sempre bem aparado. Há também a presença de plantas para fins alimentícios perto da casa, mas no geral estas são de porte herbáceo (hortaliças, temperos, etc) e estão plantadas em um local determinado para este fim, como um canteiro perto da casa onde o acesso às plantas que precisam de cuidados frequentes fica facilitado.

Outra questão foi a quase ausência de roças cultivadas pelos entrevistados, sendo relatada apenas uma pequena roça de aipim pelo Seu ‘L’. Observou-se que em alguns quintais haviam setores destinados ao plantio de variedades dessas espécies, como o aipim (*Manihot esculenta*, Crantz), a batata doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), e o taia (*Xanthosoma* sp.), manejados de maneira similar ao de uma roça. A Dona ‘Ni’ afirmou ainda que no passado, antes de plantar no local seus amendoins (*Arachis* sp.) e aipins, queimava o local. Vale ressaltar que os quintais não eram uniformes em tamanho ou em ordenação das plantas ao redor da casa. O que foi discutido acima foi uma tendência observada durante o trabalho, e também na fala dos entrevistados.

5.2. Importância dos quintais para a alimentação

A importância do quintal para a alimentação da família foi considerada de média a nula (figura 08) pelos 12 entrevistados. Três pessoas consideraram que o quintal tem importância mediana para a alimentação de suas famílias, 7 consideraram como de importância pequena e outras duas pessoas disseram não ter importância nenhuma para a alimentação da família.

Nenhum dos entrevistados considerou o quintal como sendo de grande importância para a alimentação da família.

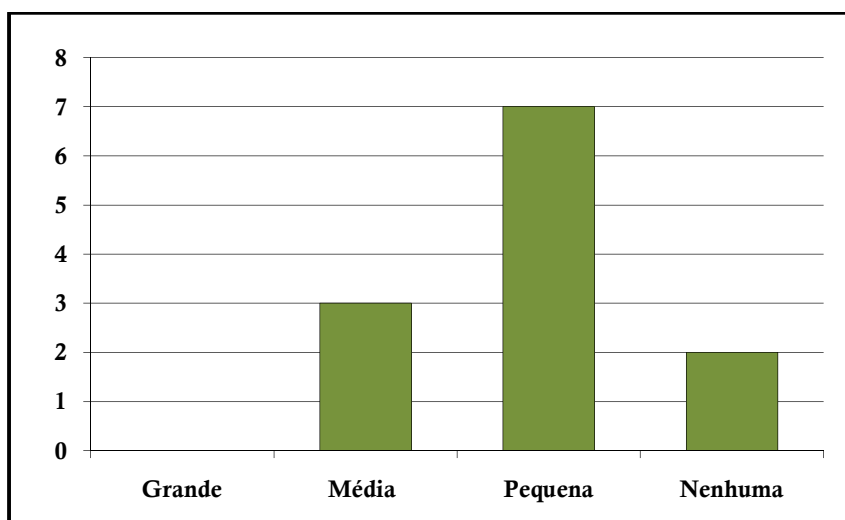


Figura 08: Importância dos quintais na visão dos 12 entrevistados para a alimentação de suas famílias. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Uma das pessoas que disse que o quintal não ajudava em nada na alimentação era reconhecida como “bom lavrador”, tendo no passado cultivos de variedades de plantas que provavelmente contribuíam mais em termos energéticos, como o aipim, o milho, a batata doce, entre outros. Como hoje o Seu 'V' já passa dos 90 anos de idade, ele não consegue mais plantar e, apesar de seu enorme bananal, algumas laranjeiras, couves, taiás e outras espécies plantadas em seu quintal, ele afirma que o quintal não tem importância alguma, talvez pela maior importância no passado. No outro caso, o Seu 'M', foi o segundo quintal com maior número de variedades. Inclusive, nas coletas neste quintal foi oferecido de prontidão ao pesquisador frutas-pão, laranjas, maracujás, havendo um grande espaço plantado com aipins e batata doce, além de haverem mais de 20 animais entre galinhas, patos e outras aves. Essa pergunta, portanto, provavelmente foi relacionada pelos entrevistados com a quantidade dos alimentos e também com a disponibilidade destes ao longo do ano. Como a produtividade do quintal é irregular e, havendo também a possibilidade de compra de alimentos a qualquer hora em um “verdurão”⁴ próximo das residências dos entrevistados, ou nas feiras de rua que funcionam regularmente em dias alternados da semana, o quintal provavelmente sofreu uma desvalorização na sua importância como fonte alimentar.

4 “Verdurão” é um nome usado no cotidiano pela população para se referir a estabelecimentos comerciais que vendem alimentos frescos como frutas, verduras, legumes, temperos dentre outros. É diferente das “feiras” que ocorrem na Ilha pois, apesar de venderem os mesmos produtos, o “verdurão” funciona todos os dias. Este “verdurão” em particular abre inclusive aos domingos.

5.3. Diversidade de plantas utilizadas para a alimentação

Foram levantadas 92 variedades e 58 espécies científicas dentro de 32 famílias botânicas (tabela 01), em um total de 186 citações de plantas pelos entrevistados. As famílias com o maior número de espécies foram Myrtaceae e Rutaceae, como mostra a Figura 09.

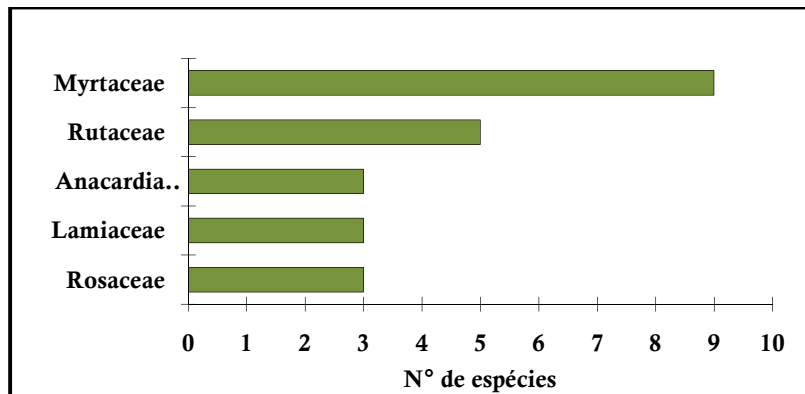


Figura 09: Famílias com maior número de espécies nos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Sob outro enfoque, se a questão é a frequência que espécies de uma determinada família ocorreram em diferentes quintais, as famílias Rutaceae e Myrtaceae se destacam, mas agora com Rutaceae em primeiro lugar. Há ainda o destaque das famílias Musaceae, Lamiaceae e Anacardiaceae, como apresentado na figura 10. Isso é devido às variedades de *Citrus* sp. e *Musa* sp. para Rutaceae e Musaceae respectivamente. No caso da família Myrtaceae, houve grande frequência de indivíduos de pitanga (*Eugenia uniflora* L.), jaboticaba (*Myrciaria cauliflora* (Mart.) O. Berg) e goiaba (*Psidium guajava* L.); no caso de Lamiaceae a frequência é devido à alfavaca (*Ocimum* sp.).

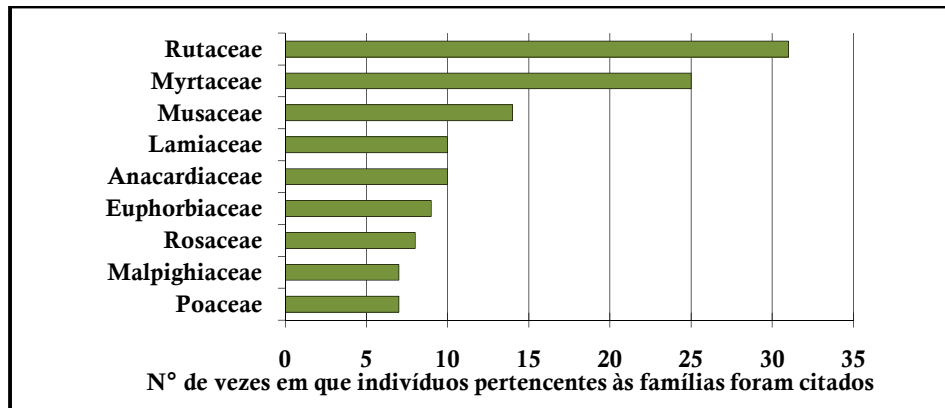


Figura 10: Famílias com maior frequência de indivíduos citados pelos entrevistados nos 10 quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Apesar do reduzido número de unidades amostrais, o estudo obteve resultados expressivos quando comparado a outros trabalhos: Albuquerque *et al.* (2005) encontraram um total de 55 plantas de porte arbustivo ou arbóreo, cultivadas com múltiplos propósitos, em estudo em 31 quintais no Município de Alagoinhas/PE, no semi-árido nordestino. Guarim & Neto (2008) levantaram um total de 100 espécies para 20 quintais no bairro do Porto, em região de cerrado de Cuiabá/MT, sendo que na categoria alimentícia o total foi de 28 espécies. Já Lacerda (2008) encontrou 76 espécies e 138 variedades de plantas alimentícias em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, também na ilha de Santa Catarina.

Tabela 01: Listagem de espécies e variedades de plantas presentes em 10 quintais de moradores do distrito Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC. I = introduzidas; N = Nativas do neotrópico.

FAMÍLIA <i>Espécie/ morfoespécie</i>	Nome comum e variedades	Status	Hábito
ALLIACEAE			
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	I	Herbáceo
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	I	Herbáceo
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju Caju vermelho	N	Arbóreo
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	I	Arbóreo
<i>Spondias</i> (cf.) <i>purpurea</i> L.	Ciriguela	I	Arbóreo
ANNONACEAE			
<i>Annona squamosa</i> L.	Fruta do conde	I	Arbustivo- arbóreo
<i>Rollinea mucosa</i> (Jacq.) Baill.	Fruta pão	N	Arbóreo
APIACEAE			
<i>Petroselinum</i> sp.	Salsinha	I	Herbáceo
ARACEAE			
<i>Xanthosoma</i> sp.	Taiá Talhá	N	Herbáceo
ARECACEAE			
<i>Butia odorata</i> (Barb. Rodr.) Noblick	Butiá	N	Arbustivo- arbóreo
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Içara	N	
BIXACEAE			
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	N	Arbustivo
BRASICASEAE			
<i>Brassica oleraceae</i> L. var. <i>acephala</i>	Couve	I	Herbáceo
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	N	Herbáceo
CARYCACEAE			
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	N	Arbóreo
CONVOLVULACEAE			
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce branca Batata doce folha crespa Batata doce roxa	N	Liana

CUCURBITACEAE			
<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	I	Liana
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Xuxu	I	Liana
	Xuxu branco		
	Xuxu verde		
EBENACEAE			
<i>Diospyros kaki</i> Thunb.	Caqui	I	Arbustivo- arbóreo
	Caqui de enxerto		
EUPHORBIACEAE			
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Aipim-amarelo	N	Arbustivo
	Aipim-branco		
	Aipim-cacau		
	Aipim casca roxa		
	Aipim folha verde		
	Aipim folha vermelha		
FABACEAE			
Faboidae			
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão andú	I	Arbustivo
Mimosoideae			
<i>Inga</i> sp.	Angá	N	Arbóreo
LAMIACEAE			
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçã	I	Herbáceo
<i>Ocimum</i> sp.	Alfavaca	I	Herbáceo
<i>Origanum</i> sp.	Orégano	I	Herbáceo
LAURACEAE			
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	I	Arbóreo
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	N	Arbóreo
MALPIGHIACEAE			
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	N	Arbustivo
MORACEAE			
<i>Morus alba</i> L.	Amora	I	Arbóreo
MUSACEAE			
<i>Musa</i> sp.	Banana branca	I	Arbustivo
	Banana caturra		
	Banana-côco		
	Banana figo		
	Banana maçã		
	Banana nanica		

MYRTACEAE			
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> var. <i>littoralis</i>	Guavirova	N	Arbustivo
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga vermelha	N	Arbustivo- arbóreo
Myrciaria glazioviana (Kiaersk.) G.	Pitanga roxa		
	Cabeludinha	N	Arbustivo
(cf.) <i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral	Cambucá	N	Arbóreo
<i>Plinia trunciflora</i> O. Berg	Jabuticaba	N	Arbóreo
	Jabuticaba de enxerto		
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba branca	N	Arbóreo
<i>Psidium cattleyanum</i> Sabine	Goiaba vermelha		
	Araçá	N	Arbóreo
<i>Syzygium</i> sp.	Araçá amarelo		
	Jambo	I	Arbóreo
<i>Syzygium cumini</i> L.	João Bolão	I	Arbóreo
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá comum	N	Liana
<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá amarelo		
	Maracujá de cobra	N	Liana
POACEAE			
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana de açúcar	I	Arbustivo
	Cana de açúcar coimbra		
	Cana de açúcar borboleta		
PUNICACEAE			
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	I	Arbustivo
ROSACEAE			
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Ameixa	I	Arbóreo
<i>Prunus</i> sp.	Pêssego	I	Arbustivo
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	Amorinha	N	Liana
RUBIACEAE			
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	I	Arbustivo

RUTACEAE			
<i>Citrus</i> (cf.) <i>limon</i> (L.) Burm. F.	Limão caipira	I	Arbustivo- arbóreo
<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Limão galego Limão laranja	I	Arbustivo- arbóreo
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Pocã Vergamota	I	Arbustivo- arbóreo
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja Laranja açúcar Laranja bruta Laranja comum Laranja lima Laranja de molho Laranja de umbigo	I	Arbustivo- arbóreo
<i>Citrus</i> sp.	Lima Lima da pérsia	I	Arbustivo- arbóreo
SAPOTACEAE			
<i>Mimusops commersonii</i> (G. Don) Engl.	Abiricó	I	Árboreo
(cf.) <i>Pouteria campechiana</i> (Kunth) Baehni	Gema de ovo	I	Árboreo
SOLANACEAE			
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	N	Herbáceo
<i>Solanum lycopersicum</i> var. <i>cerasiforme</i> Dunal	Tomate cereja	N	Herbáceo
VITACEAE			
<i>Vitis</i> sp.	Uva Uva muscater	I	Liana
ZINGIBERACEAE			
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	I	Herbáceo

As plantas mais citadas no Campeche (figura 11, anexo IV), que ocorreram em um maior número de quintais, foram as variedades de *Musa* sp. e laranjas (*Citrus sinensis* L. Osbeck), Vergamotas e Pocãs (*Citrus reticulata* Blanco), aipins (*Manihot esculenta* Crantz) e Pitangas (*Eugenia uniflora* L.). Vale notar que duas das espécies mais frequentemente citadas pelos entrevistados são espécies nativas. Em levantamento de plantas para fins alimentícios feito em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Lacerda (2008) também obteve como espécies mais representativas, devido ao número de citações, *Musa* sp., *C. sinensis* e *C. reticulata*.

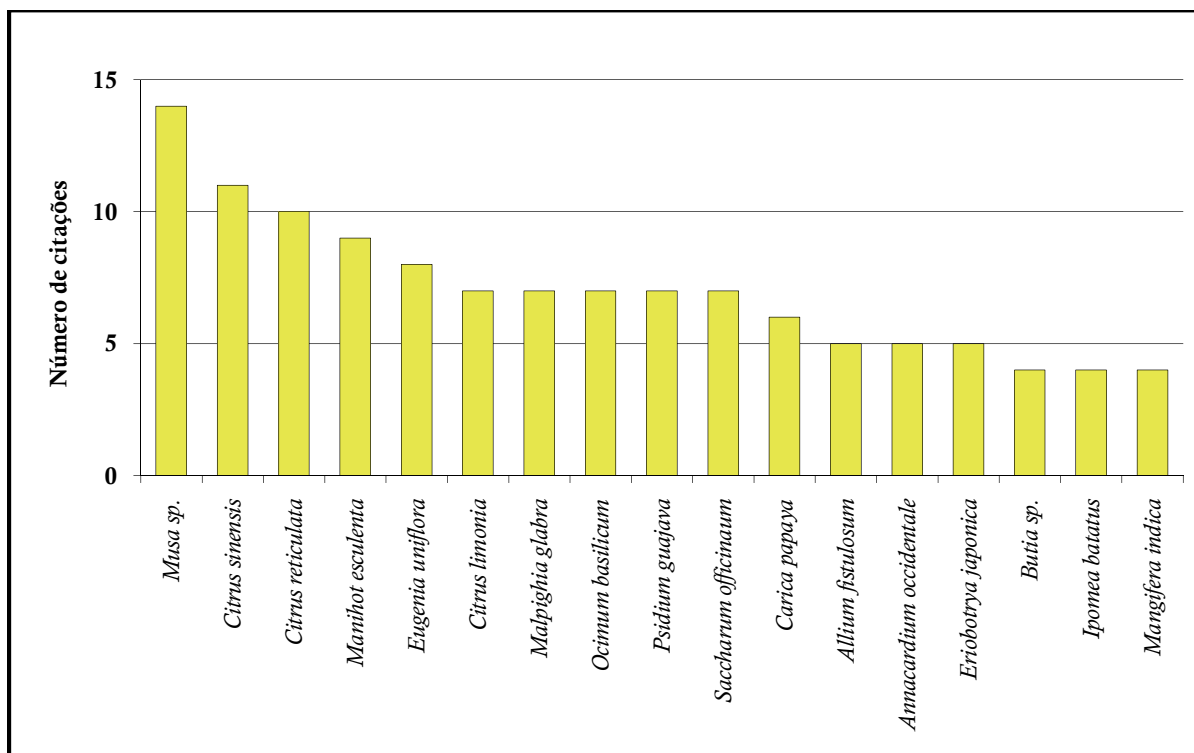


Figura 11: Espécies mais citadas nos 10 quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Os diferentes tamanhos de quintais apresentaram contrastes marcantes com relação ao total de variedades de plantas alimentícias presentes. Isso pode ser devido à diferença entre o número de quintais amostrados em cada categoria.

Os quintais considerados pequenos (n=3), de no máximo 600m², somaram um total de 18 variedades, os médios (n=2), variando de 600m² a 1200m², apresentaram um total de 51 variedades e os grandes (n=5) acima de 1200m² apresentaram 122 variedades (tabela 02). A riqueza foi relativamente menor quando comparado ao estudo dos quintais do Sertão do Ribeirão (Ilha de Santa Catarina/SC), aonde Lacerda (2008) encontrou em média 14,4 variedades para os quintais pequenos (tamanho máximo de 400m²), 30 para os médios (variando entre 400 m² e 800m²) e 38,8 para os grandes (acima de 800m²). Uma característica importante desse trabalho é que em todas as categorias relacionadas pela autora, os quintais eram menores do que no presente estudo, o que indica uma maior riqueza em um espaço menor. Isso pode ser devido à comunidade do Sertão do Ribeirão estar inserida no meio rural. Há diferenças na metodologia, entretanto. Lacerda considerou as plantas utilizadas como chá em seu estudo, como a hortelã (*Mentha sp.*) e a erva cidreira (*Melissa officinales L.*), desconsideradas no estudo no Campeche.

Tabela 02: Riqueza de variedades por tamanho de quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Quintal	Pequeno	Médio	Grande
	8	24	17
	6	27	15
	4		41
			28
			21
Total	18	51	122
Média	6	25,5	24,4
Desvio padrão	1,6	1,5	18,6

Dos três quintais em que os moradores disseram ter herdado de seus pais, dois apresentam um número elevado de riqueza de espécies, como é o caso do quintal de tamanho grande em que se obteve 41 variedades e outro de tamanho médio que apresentou 27 variedades. Nos casos em que a pessoa mudou-se para um local imediatamente ao lado de seus familiares, nota-se uma maior riqueza, como é o caso do outro quintal de tamanho médio – com 24 variedades, além de dois quintais de tamanho grande, um com 28 e outro com 21 variedades. Esse fato é relevante, pois ambos os quintais de tamanho médio foram indicados para o pesquisador como pertencentes a pessoas com tradição em cultivo e conhecimento de plantas. Em um deles havia um engenho de farinha até recentemente, e o outro, a Dona ‘Ni’ herdou seu quintal de seus pais, tendo bastante carinho por ele. A maior riqueza de espécies pode então, estar relacionada à tradição de plantio no passado.

Outra característica que é difícil de relacionar diretamente, mas que certamente tem influência com relação à quantidade de variedades é a disponibilidade (tanto de tempo quanto física) e o interesse em se cultivar. Observou-se nas entrevistas pessoas que se queixam por não mais conseguirem trabalhar, sendo que seu trabalho a vida inteira foi cultivar a terra. Outros que não têm mais espaço, pois com o tempo o terreno foi subdividido para comportar toda a família. Há de se mencionar sobre as preferências de cada indivíduo, como no caso de Seu B., que não plantava aipins simplesmente por não querer, e a Dona G., que apresentou em seu quintal um número considerável de plantas medicinais, falando animadamente de suas propriedades de cura, enquanto que as alimentícias somaram apenas oito espécies.

Para obter o índice de diversidade utilizou-se a função Shannon-Wiener, resultando em $H' = 1,60$ *decits*. Lacerda (2008) e Fox (1999) obtiveram como resultados números um pouco mais elevados, respectivamente $H' = 1,71$ e $H' = 1,96$. Este trabalho e o de Lacerda se assemelham metodologicamente, sendo as comparações entre eles mais confiáveis. Ao contrário destes, onde os levantamentos foram feitos exclusivamente com plantas

alimentícias, o trabalho de Fox (1999) incluía também ornamentais e medicinais, sendo esperada, portanto, uma maior diversidade.

A curva de acumulação de espécies (figura 12) não apresenta estabilidade. Caso houvesse mais tempo e recursos, possibilitando visitar mais quintais, uma diversidade ainda maior de espécies seria registrada. No seu trabalho em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Lacerda (2008) obteve uma curva do coletor igualmente sem estabilidade. Vale ressaltar que o tamanho e o número de unidades amostrais foram diferentes nos dois trabalhos.

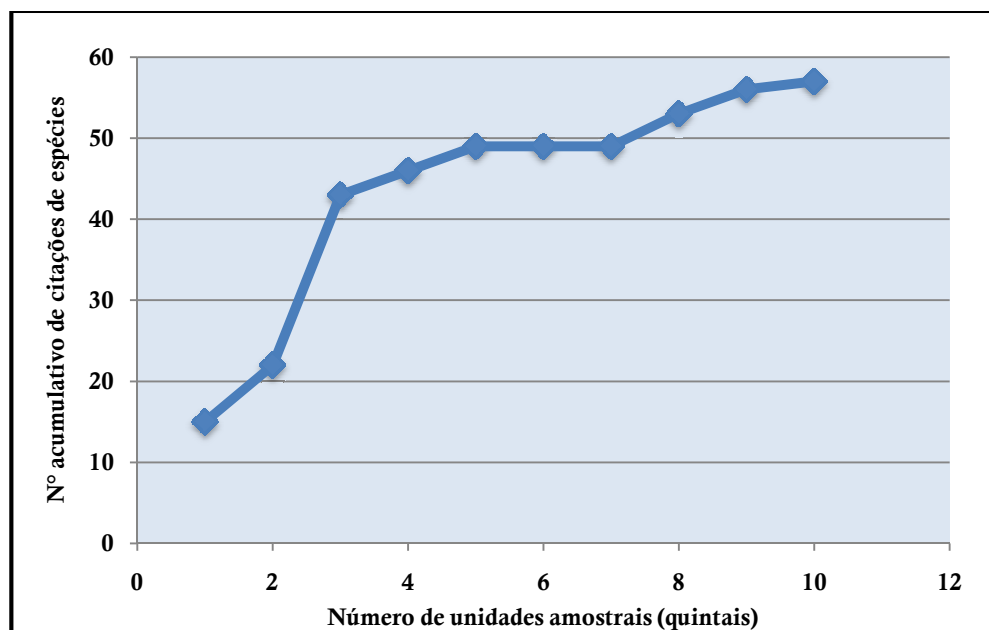


Figura 12: Curva de acumulação de espécies nos 10 quintais estudados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Em relação ao hábito das plantas (figura 13), 31% (18 espécies) das plantas apresentaram o hábito arbóreo, 17,2% (10 espécies) arbustivo-arbóreo, 19% (11 espécies) arbustivo, 20,7% (12 espécies) herbáceo e 12,1% (7 espécies) eram lianas.

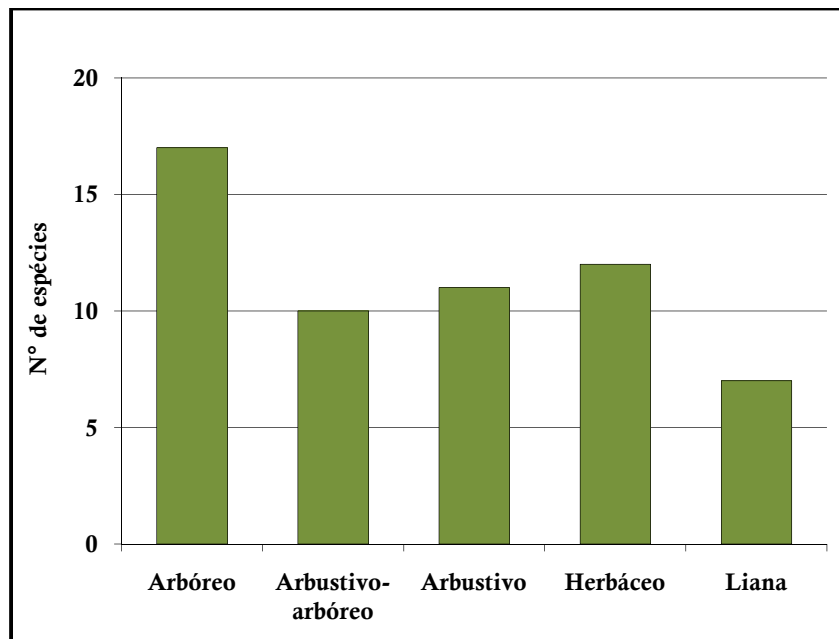


Figura 13: Hábito ecológico das 58 espécies de plantas encontradas nos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Em trabalho sobre cultivo de plantas alimentícias, de um total de 76 espécies de plantas, Lacerda (2008) observou que 42,8% das plantas tinham o hábito herbáceo, característico de plantas que compõem a horta. O maior número de espécies arbóreas no estudo dos quintais do Campeche foi provavelmente devido às preferências de manejo dos entrevistados. Foi relatado por parte dos entrevistados que o cultivo de hortaliças é muito trabalhoso, pois “tem que regar todo dia” e também o cuidado de sempre “arrancar as ervas daninhas”. Além de relatos de pragas como lagartas de borboleta, que foi caracterizado pelos entrevistados como sendo um problema maior hoje do que no passado. A horta geralmente se caracteriza pelo elevado número de plantas anuais, além de plantas que sem o devido cuidado morrem facilmente. Cria-se, portanto verdadeiros “buracos” no tempo, onde as pessoas dizem cultivar mais variedades de plantas, mas como o cultivo é irregular, estas plantas não estavam presentes no momento da entrevista. Na fala de um dos entrevistados, “(...) pouco tempo atrás tinha ai umas couves... já teve tomate, alface, salsinha...” (Dona 'C').

5.4. Espécies exóticas e nativas

As espécies levantadas foram classificadas como introduzidas ou nativas do neotrópico. Esta classificação foi baseada no trabalho de Prance & Nesbitt (2005). Ocorreu um número maior de espécies cultivadas introduzidas, sendo que estas representaram 56,9% (n=33) do total das espécies. As espécies nativas representaram 43,1% (n=25) das espécies.

Maciel e Neto (2008) encontraram resultados semelhantes, com espécies exóticas (65%) predominado sobre as nativas (35%), assim como Lacerda (2008), que encontrou 59% das plantas para fins alimentícios como pertencentes a espécies introduzidas.

A proporção um pouco maior de espécies nativas no Campeche se deve principalmente a indivíduos da família Myrtaceae, sendo que 7 das 9 espécies levantadas no trabalho são nativas, o que equivale a 28% do total de espécies nativas. Vale mencionar também as famílias Arecaceae, Passifloraceae e Solanaceae, todas com duas espécies nativas cada.

5.5. Plantas espontâneas e cultivadas

Para cada citação de planta ou grupo de plantas apresentado nos quintais pelos entrevistados, foi perguntado se esta era cultivada ou espontânea. A maioria das plantas presentes nos quintais do estudo, 69,18%, foi relatada como sendo cultivada, enquanto 30,81% foram consideradas espontâneas. O número de plantas espontâneas é relativamente grande quando comparado com outros estudos: Lacerda (2008) encontrou que 14% das espécies eram espontâneas e Fox (1999) encontrou que apenas 3% das plantas eram espontâneas. Em seu estudo em quintais de Ferraz, no município de Rio Claro/SP, Fox (1999) associa o baixo número de plantas espontâneas à frequente manutenção dos quintais.

O quintal dos nativos era e ainda é provido de muitos cuidados. A manutenção era frequente segundo relatos da irmã do Seu 'D'. (conversa informal), e não haviam gramados. O solo era descoberto ('tudo areia') e, segundo ela, as folhas eram varridas e colocadas em outro local e o chão roçado com enxada para não aparecerem "ervas daninhas". Isso também aparece na fala do Seu B. que, durante a visita ao quintal, queixou-se das "guanxumas" (*Sida* sp.), uma erva que se apresentava em grande quantidade em seu quintal. Já Seu 'M' afirmou ser comum atear fogo em restos de folha e outros materiais, sendo praticado também pelo Seu 'B' e Dona 'N'. Esse cuidado extra com o quintal, porém, pode ter resultados não desejados para a fertilidade do solo e para a ciclagem de nutrientes.

Os diferentes entrevistados do Campeche variaram suas respostas com relação a uma mesma planta. Plantas como a laranja-açúcar e outros cítricos, foram afirmadas por alguns como espontânea e por outros como cultivada. As respostas no geral se referiam ao modo como a planta nasce, mesmo quando estas passam por ação ou atividade humana. Exemplo são as sementes do mamão que, sendo jogadas no solo germinam facilmente, sendo consideradas como espontâneas.

5.6. Forma de obtenção das plantas

A maioria das plantas dos quintais do Campeche foi colhida (55,4%) pelos entrevistados, ou no próprio quintal ou em localidades próximas ao quintal. Uma menor parte foi ganha (23,6%) e comprada (21%) (figura 14).

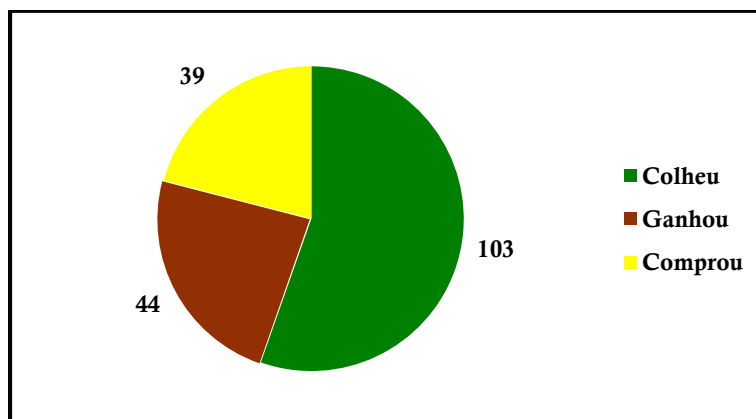


Figura 14: Plantas colhidas, ganhas e compradas dos quintais do Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

A grande proporção de espécies colhidas mostra o ilhéu como agente de transformação de seu meio, levando propágulos de plantas de um local a outro, quando não a planta inteira, como foi o caso de todos os pés de Butiá (*Butia capitata* (Mart.) Becc.), relatados como transplantados de um terreno vizinho, ou de um local próximo, para o quintal.

Um número considerável de plantas foi ganho (23,6%), apesar de estudos como o de Lacerda (2009) e Fox (1999) terem levantado que 34% das plantas do Sertão e 69% das plantas de Ferraz foram ganhas, respectivamente. As plantas ganhas estão intimamente relacionadas com o intercâmbio de propágulos entre a população. Fato que corrobora a importância dessa “rede de trocas” foi o grande número de citações (total =186) de plantas que tiveram seus propágulos (frutos/sementes ou ramos/mudas) doados (n=144, 80%)⁵ pelos moradores do quintal para terceiros. Isso está intimamente ligado às relações de compadrio, cujos traços ainda existem entre os moradores nativos do bairro, estendendo-se também para com os mais recentes.

Interessante notar que a troca é muito evidente na vida deles. Seja de frutas colhidas no terreno, que são doados aos vizinhos, seja de mudas de plantas, que segundo eles são trazidas de diversos lugares da ilha. Inclusive me deram vários abacates deliciosos. Nota do diário do autor após a visita ao quintal do Seu 'B'.

5 Foi notado um 'sentimento' por parte de alguns dos entrevistados de que essa pergunta talvez não fosse tão importante. Tal fato pode ter alterado um pouco esses dados, uma vez que acessar a memória repetidamente com essa pergunta talvez tenha ficado um pouco cansativo.

Essa troca era mais efetiva no passado, como conta o Seu 'B':

Quando tava na época de alguma fruta ou quando a gente sabia que um cumpadri ou alguém tava precisando de uma planta pra remédio que a gente tivesse em casa (...) se a gente passassi por lá, agente levava (...) deixava muitas vezes perto da porta se num tivesse ninguém. Todo mundo fazia assim

Outro indício destas trocas foi observado quando o Seu 'V' indicou a Dona 'Ni' como possível entrevistada, solicitando que fosse a ela perguntado sobre o café que ele havia levado para torrar.

5.7. Abundância das plantas

A abundância das plantas dos quintais do Campeche foi levantada de forma simples, efetuando a soma dos indivíduos que eram avistadas no quintal, independente do estágio de desenvolvimento. Apresentam-se aqui somente as mais abundantes entre as espécies levantadas. A figura 15 ilustra as espécies mais abundantes entre os 10 quintais pesquisados no Campeche. Todas as plantas têm seus números precisos, com exceção do abacaxi (*Ananas comosus* L. Merr.), que por estar presente em altíssima quantidade em um dos quintais teve seu número extrapolado para todo o quintal.

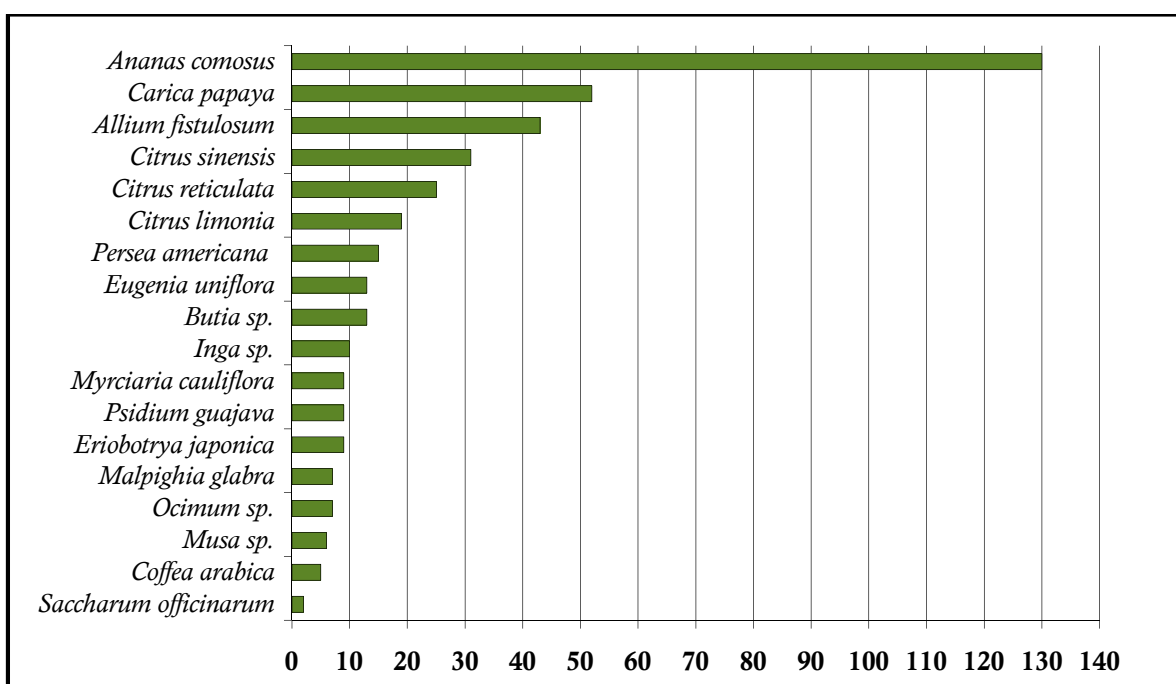


Figura 15: Algumas das espécies mais abundantes em 10 quintais estudados no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Na figura 15, não foram consideradas algumas plantas que, apesar de sua elevada abundância, seus números absolutos não foram possíveis de serem somados. O aipim (*Manihot esculenta* Crantz) teve a contagem dificultada, pois sempre era encontrado em grande quantidade. Houve locais onde os plantios consorciados de aipim junto com batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.)) ou abóbora (*Cucurbita* sp.) impediram o acesso aos locais, com a penalidade de pisotear os plantios dos entrevistados. Houve ocasiões em que era provável que um grupo de fustes dessas plantas relacionadas formava um único indivíduo, razão pela qual a banana (*Musa* sp.) e a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), aparecem na figura 16 com pouca abundância. Fato esse que não reflete a realidade, pois na maior parte dos quintais, não foi possível somar o número total de indivíduos destas duas espécies. A alfavaca (*Ocimum* sp.) ocorria em grande quantidade em alguns quintais, principalmente naqueles onde os proprietários não tinham o hábito frequente de “roçar” ou “limpar” o terreno. O café (*Coffea arabica* L.) foi encontrado em um dos quintais em grande abundância, formando um sub-bosque.

Assim temos como espécies de maior abundância as variedades de banana (*Musa* sp.), a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), o aipim (*Manihot esculenta* Crantz), a alfavaca (*Ocimum* sp.), e o café (*Coffea arabica* L.), o abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr.), o mamão (*Carica papaya* L.), a cebolinha (*Allium fistulosum* L.), as variedades de laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck), vergamotas e pocãs (*Citrus reticulata* Blanco), e o limão galego (*Citrus limonia* Osbeck).

As figuras 16 e 17 apresentam as variedades mais abundantes nos 10 quintais visitados no Campeche. O abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr.), o mamão (*Carica papaya* L.), a cebolinha (*Petroselinum* sp.), a laranja açúcar (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck), a vergamota (*Citrus reticulata* Blanco) e o limão galego (*Citrus limonia* Osbeck) foram as variedades mais abundantes de plantas que puderam ter seus números somados.

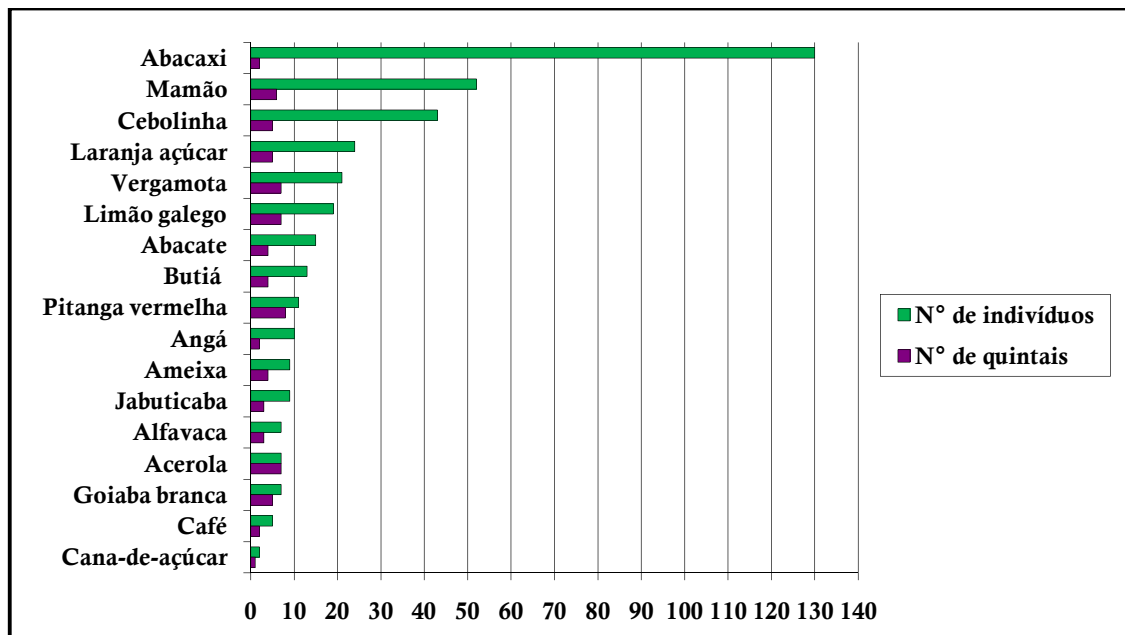


Figura 16: Algumas das variedades com maior abundância em estudo em 10 quintais no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

Algumas das variedades não puderam ter seus números absolutos somados. Os motivos aqui são, em essência, os mesmos pelos quais algumas espécies não puderam ser incluídas na figura 15. Utilizou-se os termos “alguns” para relacionar uma abundância entre 12 e 30 indivíduos e o termo “muitos” para expressar uma abundância ainda maior, entre 30 e 70 plantas aproximadamente. Foi necessária a utilização de dois gráficos para apresentar a abundância de algumas variedades. A riqueza de variedades foi levantada, em parte, com a ajuda dos entrevistados. Exemplo são as variedades de aipim (*Manihot esculenta* Crantz), em que diferentes entrevistados reconhecem diferentes variedades, muitas vezes baseados em características difíceis de perceber. Alguns dos informantes não sabiam distinguir seus aipins plantados, sendo todos discriminados como “aipim”.

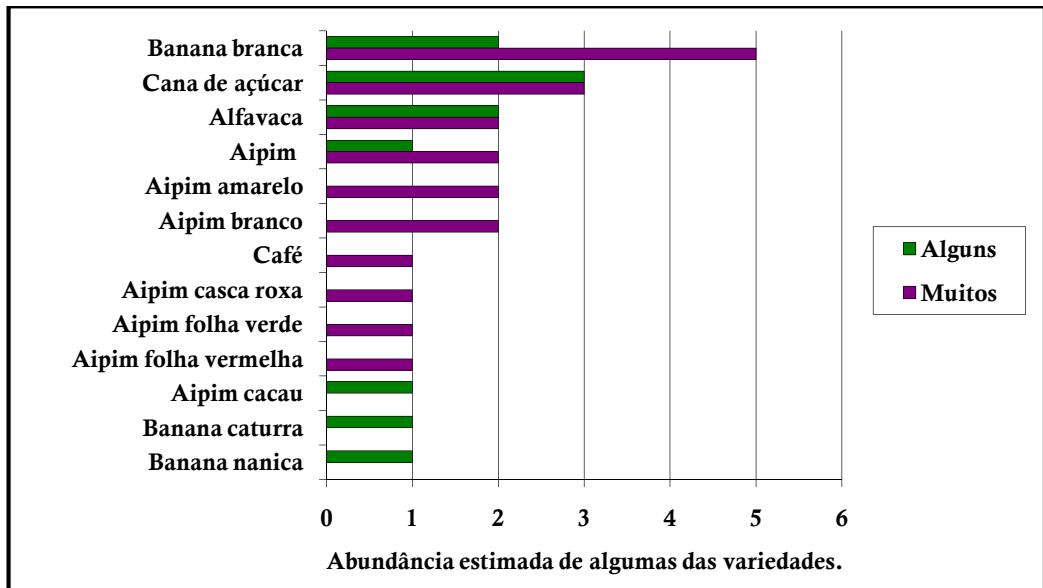


Figura 17: Variedades com maior abundância cuja soma dos indivíduos foi impraticável em estudo nos 10 quintais no Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC.

5.8. Variedade de aipins

O aipim (*Manihot esculenta* Crantz) quando encontrado nos quintais investigados, recebia tratamento diferenciado pelo entrevistador. Quando possível, os indivíduos foram coletados. Posteriormente foram tiradas fotos de suas partes (caule, raízes e principalmente folhas). Devido às circunstâncias, algumas plantas tiveram somente as folhas coletadas, de acordo com a disponibilidade e permissão dos entrevistados. Em alguns casos, os entrevistados se dispuseram a doar partes maiores das plantas. O Seu 'MV' tirou do solo e doou ao entrevistador três plantas inteiras, constituindo três variedades diferentes de aipim. Este entrevistado foi o que forneceu as informações mais detalhadas a respeito das diferenças morfológicas das variedades que possuía: o “aipim branco”, o “aipim amarelo” e o “aipim cacau” ou “aipim roxo”. Posteriormente a Dona 'Ne' também declarou conhecer estas três variedades. Abaixo segue uma descrição das características das três variedades apontadas pelos entrevistados.

Aipim amarelo – Sua principal característica é a aparência da raiz após o cozimento. Esta passa da cor branca quando crua, a amarela depois de cozida (Seu 'MV'). Este fato é percebido por outros entrevistados também. Porém não se pôde constatar se todos os entrevistados diferenciavam seus aipins antes de colhê-los. A “rama” ou o “caule” apresenta um aspecto mais escuro quando comparado ao “aipim branco”, segundo Seu 'MV' (figura 18).



Figura 18: Caule e folhas em diferentes estágios de desenvolvimento do “aipim amarelo” do Seu `MV`. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC. Fotos do arquivo pessoal.

Aipim branco – A raiz fica branca depois de cozida (Seu `MV`), fato que é percebido por outros entrevistados. Os ramos ou “talos” são de um tom mais claro que o aipim amarelo (Seu `MV`, figura 19).



Figura 19: Caule e folhas jovens do “aipim branco” do Seu ‘MV’. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC. Fotos do arquivo pessoal.

Aipim cacau ou roxo – A raiz tem a cor branca quando cozida. O nome se deve à casca interna da raiz, que tem cor roxa claro a rosado (Seu ‘MV’). O caule apresenta coloração em um tom de verde mais intenso que as outras variedades, segundo Seu ‘MV’. Não havia folhas presentes. A Dona ‘Ne’ também distinguiu esta variedade, porém se referiu a este aipim apenas como “aipim roxo”, ao contrário do Seu ‘MV’, que mencionou os dois nomes. A Dona ‘Ne’ (figura 20) entretanto não distinguiu as variedades pelas partes aéreas da planta, somente depois de tirar as raízes do solo. As fotos das folhas da figura 20 são de seu quintal.



Figura 20: Caule e raiz de “aipim cacau” ou “roxo” do Seu ‘MV’. Repare na cor da casca interna. Abaixo ramo de aipim roxo da Dona ‘Ne’. Possivelmente representam a mesma variedade do “aipim cacau”. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC. Fotos do arquivo pessoal.

O Seu 'M' também diferenciou variedades de aipim. Mencionou porém o “aipim da folha vermelha” e o “aipim da folha verde” (figura 21). Isso pode ser um indício de que não há consenso entre os entrevistados a respeito dos nomes das variedades.

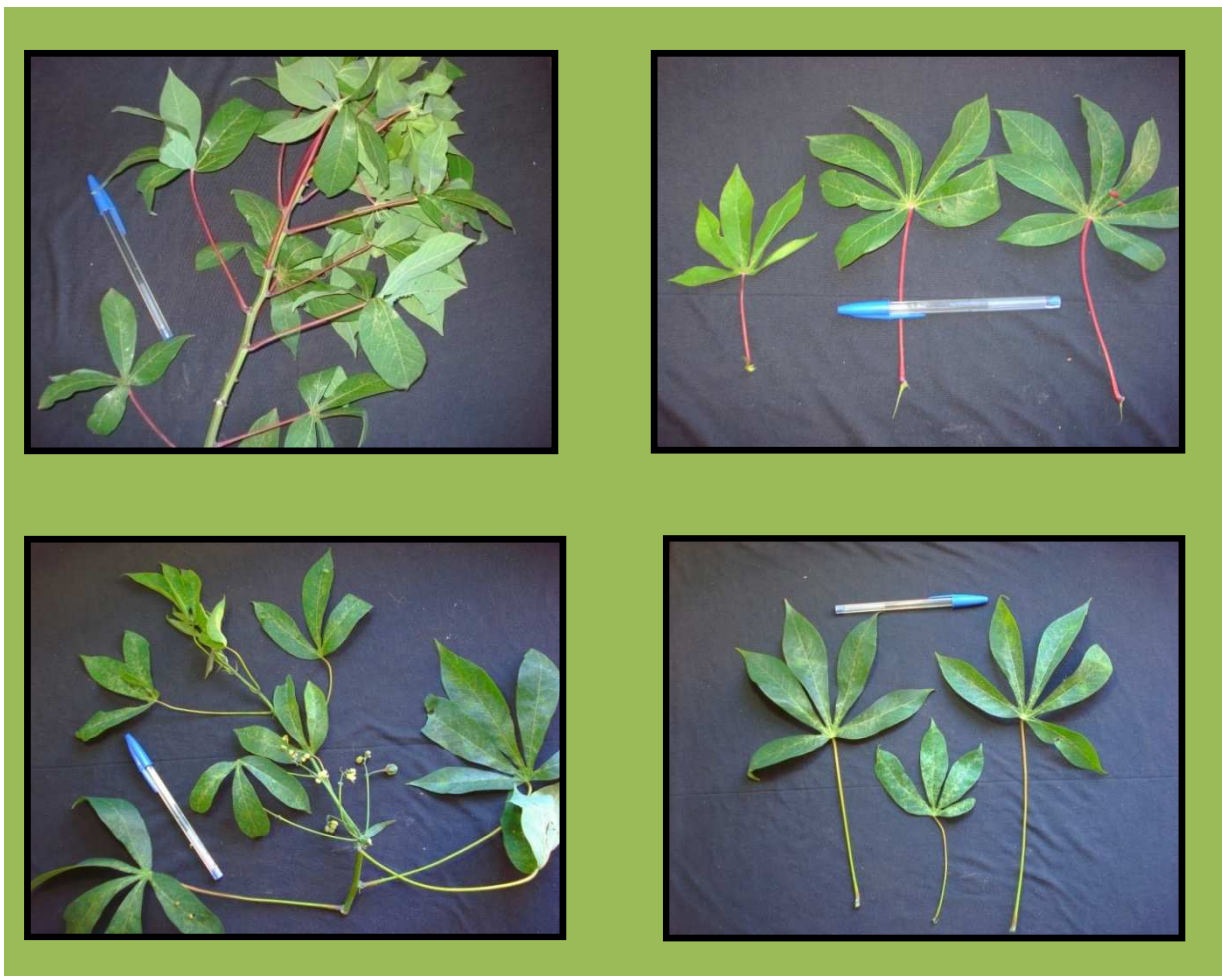


Figura 21: Variedade de aipins do Seu 'M'. Acima – “aipim da folha vermelha”, aspecto geral da planta e folhas. Abaixo: Aspecto geral do ramo do “aipim da folha verde”. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC. Fotos do arquivo pessoal.

Houve também a presença de aipins em mais dois quintais. O da Dona 'Ni', aonde ocorreram os aipins de “folha vermelha” e “verde” (diferenciadas pelo autor) e do casal Seu 'L' Dona 'R', aonde ocorreu somente o “aipim da folha verde” (diferenciadas pelo autor). Porém, nestes quintais não foram levantadas, no momento da entrevista, variedades pelos informantes. O que não quer dizer que estes não as possuam ou não as reconheçam. No entanto não houve tempo de “confrontar” os dados dos informantes entre eles.



Figura 22: Entrevistados colhendo aipins para a pesquisa. Campeche, Ilha de Santa Catarina/SC. Fotos do arquivo pessoal.

Em estudos sobre o cultivo de variedades de *Manihot esculenta* (Crantz) no Sertão do Ribeirão, Assis (2007) levantou, entre 14 agricultores tradicionais, 30 “etnovariedades”. As variedades observadas no presente estudo em quintais do Campeche provavelmente são cultivadas pelos moradores do Sertão do Ribeirão. Os nomes das variedades “aipim amarelo” e “aipim cacau” ou “roxo” são também relatados pelos entrevistados do Sertão. Estes são apresentados pelos agricultores como “amarelo”, “casca roxa” e “aipim rosinha”. As características físicas às quais os agricultores do Sertão do Ribeirão se referem para diferenciar estas “etnovariedades” no entanto, são similares às utilizadas pelos moradores do Campeche. A variedade “aipim branco” é denominado com o mesmo nome e suas características físicas são semelhantes nos relatos dos entrevistados dos dois trabalhos.

A nomenclatura utilizada pelos nativos do Campeche é comum em uma grande amplitude geográfica, estando presente em diferentes grupos de agricultores tradicionais em regiões distantes do Brasil. Em trabalho sobre variabilidade genética de etnovariedades de mandioca, Mühlen et al. (2000) levantou para as variedades de aipim em diferentes regiões do Amazonas e do litoral paulista, nomes como “Macaxeira branca”, “Branquinha”, “Amarela”, “Roxinha” e “Aipim roxo”.

5.9. Uma sociedade em transformação

No caso particular do Campeche o local está em processo de mudança acelerada, ocasionando também mudanças nos hábitos da população nativa de lavradores-pescadores. No decorrer das últimas décadas, os antigos meios de subsistência de uma comunidade que vivia basicamente da pesca e da lavoura vêm sendo substituídos por um modo de vida urbano. Há entre os moradores nativos um sentimento de “desencanto”, de perda dos valores

outrora cultivados e reconhecidos como tradicionais na comunidade. Valores de um modo de vida rural, que compreendia a interação com um agroecossistema – envolvendo relações com a terra e o mar – além dos laços de sociabilidade (Mühlbach, 2004).

Em estudo que trata o alimento como um condutor para entender a população tradicional do Campeche em seu ambiente e nas suas relações sociais, Mühlbach (2004) destaca que para alguns moradores havia uma distribuição sazonal do trabalho. Durante os meses do outono e inverno esses se dedicavam à pesca e na época da primavera e verão o trabalho era nas roças. E mesmo as mulheres e crianças que não saíam para o mar, tinham trabalhos relacionados à pesca, como a salga do peixe para sua conservação. Em suas entrevistas, Mülbach (2004) relata que quando os nativos foram convidados a falar sobre os alimentos presentes no “tempo de ratoeiras”⁶, falaram do seu trabalho. A relação entre trabalho e alimentação considerava-se óbvia a eles, assim mostrando a condição em que se encontravam.

O trabalho é um elemento essencial na elaboração do processo de identidade social de um grupo e as mudanças nas formas de trabalho em cada momento da história estão intrinsecamente ligadas às mudanças nas relações de produção e nas relações sociais (Amora, 1996). No passado, a terra (solo) tinha outro significado para os moradores tradicionais do Campeche. Era a condição de obtenção dos alimentos, entendida como um meio para a existência da família. Hoje se encontra reduzido a local de moradia (Mühlbach, 2004).

A terra perde seu valor de uso, passando a ter valor de troca. É transformada em terreno e a sobrevivência do grupo social passa a ser garantida por atividades remuneradas (Amora, 1996). Neste contexto, as pessoas que possuíam as maiores extensões de terra, como donos de engenho, provavelmente “*tivessem reduzido ou eliminado os contratos de arrendamento de terra e fechado seus engenhos de farinha*” Mühlbach (2004). Esta hipótese, somada ao fato de que as terras de uso comum (terras comunais) eram cada vez menores⁷ (Amora, 1996), contribuiu para a mudança na forma de trabalho da comunidade. “*Não foi uma livre escolha por parte dos filhos o trabalho remunerado ao invés do trabalho de subsistência*” (Mühlbach, 2004, p.90). Amora (1996) relata ainda Beck (1983) que trata do modelo

6 Tal expressão é referida pela autora como originado nas cantigas lembradas por Franklin Cascaes. “*Representa (na história do bairro) o período que transcorre pelas primeiras décadas do séc. XX até o período que ainda predominava a atividade agrícola, em torno das décadas de 50 e 60, (...) que antecede às grandes transformações com a vinda de elementos urbanos, como luz elétrica, rodovias e transporte coltivo.*” (Mülbach, 2004, p. 52).

7 Tal fato é devido principalmente às apropriações ilícitas, como a posse por particulares com influência econômica e política e a grilagem. Estas ocorreram em larga escala, principalmente, segundo relatos de informantes da autora, em áreas que sofriam alagamentos periódicos. Algumas dessas áreas eram localizadas entre a Lagoa da Chica e a Lagoinha, formando “uma lagoa só”, eram utilizadas não só pelos moradores nativos do Campeche, como também pelos moradores de outras localidades próximas, para atividades de cultivo e como pastagem (Amora, 1996, p.133-135).

desenvolvimentista adotado pelos governantes de Florianópolis. Estes tinham o objetivo de modernizar a cidade, criando o “ciclo turístico”, *“um ciclo econômico marcado pela monocultura do turismo que desarticula e marginaliza a pequena produção independente”* (CECA, 1996, p.214).

Outra hipótese levantada por Mühlbach (2004) é de que o esgotamento do solo pode ter ajudado o declínio das atividades de tradicionais de plantio no Campeche. Segundo Caruso (1990) e CECA (1996) o desmatamento da ilha está intimamente associado às atividades desenvolvidas pelos novos⁸ habitantes da ilha, os Açorianos:

Até 1748, data da chegada da primeira leva açoriana, a cobertura vegetal da Ilha de Santa Catarina não havia sofrido nenhum dano significativo. A partir de então, o próprio interior da Ilha e as áreas periféricas à capital foram sendo gradativamente ocupados. (...) Além do desmatamento para a agricultura, através do corte e queima das árvores, percebe-se a intensa retirada de madeira para diversos uso. (CECA, 1996, p.47).

A necessidade de “Madeiras de Lei” para a construção civil, construção de baleeira e canoas e para a fabricação de móveis, entre outros, ocasionava a derrubada seletiva de árvores adultas e de grande porte. Como fonte única de energia até meados do século XX, a lenha também configurou um sistema específico de desmatamento. Arbustos, árvores de pequeno porte e espécies jovens foram as mais procuradas. Este sistema, assim como o desmatamento para a obtenção de “Madeira de Lei”, caracteriza sistemas de desmatamento parciais. A agricultura é considerada, porém como a atividade responsável pela maior parte do desmatamento da Ilha, pois toda a vegetação presente na área é desmatada para a criação de roças (Caruso, 1990; CECA, 1996).

Todavia, conhecer a maneira como as pessoas utilizam e se relacionam com os recursos pode resultar em vários benefícios. Muitas comunidades possuem sistemas próprios de manejo, resultado da experiência acumulada durante séculos de relação com os recursos, que permitem suprir suas necessidades com um prejuízo ambiental mínimo (Albuquerque e Andrade, 2002). Como visto, o prejuízo ambiental que a comunidade do Campeche causou no passado à paisagem da ilha não foi mínimo. Mas em que condições se deu esse desmatamento?

Há de se atentar que parte dos plantios praticados pela comunidade do Campeche e da ilha como um todo tinham como objetivo a comercialização, oscilando em função da dinâmica do circuito monetário, em que roças eram feitas muitas vezes com a finalidade única

8 Novos, pois apesar de a Ilha de Santa Catarina estar desabitada quando se instalaram os primeiros colonos em 1673, e com uma população bastante reduzida quando chegaram os primeiros açorianos em 1748, o histórico de habitantes da Ilha data de um pouco menos de 5.000 anos com os habitantes dos sambaquis. A partir do séc. X d.C. encontramos os Itararés sendo os Carijós o terceiro grupo de ameríndios a migrar para a ilha há aproximadamente 200 anos (CECA, 1996).

de comercialização. O próprio sistema de cultivo, a prática de coivara, foi também importante em função do desmatamento (Caruso,1990; CECA, 1996).

A agricultura itinerante ou de coivara refere-se a um modo de cultivo em que o período de uso da área é inferior ao período de pousio ao qual o ambiente é submetido. A queima é obrigatória para a incorporação de nutrientes através das cinzas geradas. O sistema é então dependente de um período de pousio⁹ para a regeneração de sua fonte de fertilidade, a biomassa vegetal. (Peroni, 2004). O autor alerta, porém que diferentes sistemas agrícolas são designados com o mesmo nome de agricultura de coivara ou itinerante. Alguns deles são “*complexos e ajustados aos ambientes utilizados*”, enquanto outros estão “*em desajuste e de fato trazendo conseqüências negativas para os ambientes aonde estão inseridos*”. CECA (1996) e Lisboa (1997), contudo, afirmam que o tamanho da terra que foi doado aos imigrantes açorianos, bem como o grande e crescente contingente populacional vivendo da agricultura, criou condições aonde o colono provavelmente não tinha a possibilidade de deixar a terra em pousio, necessário ao sistema de plantio de coivara para que o solo recupere sua fertilidade.

5.10. O que há de tradicional na comunidade tradicional?

Há intenso debate com relação ao significado de termos como “populações nativas” e “tradicionais” (Diegues e Arruda, 2001). Este trabalho não tem a pretensão de explorar todas as características desses termos, muito menos avaliar se a comunidade do Campeche ainda pode ser considerada tradicional, mas apenas delinear algumas características da comunidade do Campeche e relaciona-las, quando possível, às características associadas ao conceito de tradicional.

Conhecimentos tradicionais são fundados em lógicas distintas daquelas denominadas pela ciência ocidental e não são uma espécie de estágio anterior ao conhecimento científico ou um conhecimento pré-lógico (Diegues e Arruda, 2001). O conhecimento tradicional é fruto de uma lógica complexa, que envolve processos sofisticados de construção, impensáveis sem uma atividade intelectual consciente (Perreli, 2008), elaborando categorias próprias com as quais as sociedades nomeiam, classificam, ordenam e experimentam seu mundo (Diegues e Arruda, 2001). É definido como “*o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração*” (Diegues e Arruda,

9 No artigo são referidos autores como Conklin (1961) e Denevan & Padoch (1987), dentre outros, a partir dos quais o autor discute que em muitos casos a área de plantio é simplesmente abandonada após a colheita, o que não constitui o sistema tradicional de agricultura itinerante. Neste ocorre o pousio, em que as plantas da sucessão secundária não são apenas um repositório de nutrientes para as queimas. São muitas vezes, manejadas como culturas secundárias úteis (Peroni, 2004).

2001). O saber tradicional pode ser entendido como um processo de investigação e recriação e sobretudo, uma combinação de pressupostos, formas de aprendizado, de pesquisa e de experimentação, constituindo-se em uma forma específica de se praticar ciência. Considera que se assim interpretada a expressão saber tradicional, como essa forma específica de fazer ciência, esta passa a ser equivalente à saber local, com a vantagem de esta se prestar menos a confusões (Cunha, 1999).

O termo tradicional é frequentemente – e erroneamente – associado à imobilidade histórica ou à atraso em relação a outros conhecimentos. Tal visão herdada da antropologia clássica admite que a mudança cultural e a recriação da tradição seriam características exclusivas da civilização ocidental. Quando ocorre em outras sociedades implica em sua não legitimidade identitária, sendo a autenticidade sinônimo de imutabilidade (Diegues e Arruda, 2001). Os autores utilizam a noção de “sociedades tradicionais” para se referir a:

(...) grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base nos modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente. (Diegues e Arruda, 2001, p.22).

Como vimos a comunidade do Campeche e da ilha como um todo tem características conflitantes no que se refere à conservação da biodiversidade. A interação do ilhéu com o ambiente natural trouxe conseqüências desastrosas para o último. A comunidade já não se encontra isolada, mas inserida em um meio cada vez mais urbanizado. A reprodução de seu antigo modo de vida já foi quase que completamente desarticulado. Mas, dentro de um contexto político de submissão, aonde os pequenos produtores, principais responsáveis pelo abastecimento da crescente população da ilha, eram marginalizados pelas políticas governamentais (CECA, 1996).

Diegues e Arruda (2001, p.21-22) colocam em foco 11 “*traços culturais*” que caracterizam sociedades tradicionais (listados de “a” a “i”), dentre eles:

j) “o fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos”.

O que foi pertinente durante a história do ilhéu que vivia da economia rural. Os colonos tinham seus excedentes expropriados pela coroa, que ainda tributava excessivamente as atividades rurais, além da política contra as manufaturas de 1785 ou o recrutamento militar em fins do século XVIII. Nessa época é relatado um início de êxodo rural devido às políticas públicas, que continuam marginalizando o ilhéu até hoje. Exemplos são a atual política de desenvolvimento associado ao turismo, e o “Plano de Desenvolvimento – Campeche”

proposto pelo IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) em 1992. (Amora, 1996; CECA, 1996; Lisboa, 1997; Mühlbach, 2004)

i) “pela tecnologia utilizada, que é relativamente simples, de impacto limitado no meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final”.

g) “importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais”.

No passado havia na região mais de 60 de engenhos de farinha de mandioca e alguns de cana de açúcar (CECA, 1996), sendo relatado por Amora (1996) a existência de um engenho de farinha ainda funcionando, de posse de um de seus entrevistados. As relações de compadrio se refletiam nos arrendamentos de terra (Amora, 1996), e ocorrendo até doações de terrenos (Mühlbach, 2004, p.87) ou a troca destes por um valor simbólico, como aparece na fala da mãe da Dona ‘G’, uma das entrevistas deste trabalho. Ela afirma ter trocado dois terrenos vizinhos por “*um saco de farinha cada um*”. A população mais idosa ainda desenvolve práticas artesanais, como foi relatado por alguns dos entrevistados que ainda praticavam a “Renda de Bilro”, confeccionavam “balaios”, “esteiras” e “tipitis”, não esquecendo os quintais. Porém em nenhum dos relatos os entrevistados dependiam diretamente de seus artesanatos para sua sobrevivência. Somente serviam para complementar a renda, ou para passar o tempo. E como vimos o quintal também é percebido pelos entrevistados como um complemento à dieta, além de haver apenas o relato de uma pequena roça cultivada pelo Seu ‘L’, sendo que ele não depende dela para se sustento.

As atividades econômicas, sociais e culturais mudaram radicalmente. Porém tal importância ainda se encontra presente e latente entre os entrevistados. Isso vem à tona nos relatos de uma entrevistada mais idosa, a Dona ‘Ni’, com relação ao grupo de idosos e à suas aulas no EJA (Educação de Jovens e adultos), locais onde ela tem muitos amigos, não perdendo uma aula. Ou na relação entre Seu ‘M’, entrevistado do trabalho e seu amigo Seu ‘P’ – que esteve presente em todas as visitas do pesquisador a este quintal – sempre tratando-se como compadres. A importância da unidade familiar é bem expressa na fala de um dos entrevistados de Mülbach (2004, p.87), em que a “Dona Alfavaca” conta que mesmo com a possibilidade de conseguir um considerável montante de dinheiro com a venda de propriedades ela, a exemplo de seus pais e de seus avós, garantiu as terras para seu filhos, para que estes tivessem moradia.

c) “pela noção de território ou espaço onde o grupo se reproduz econômica e socialmente”.

d) pela moradia e ocupação deste território por várias gerações.

l) pela auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

Tanto a comunidade nativa se identifica como uma cultura distinta, como também os moradores mais recentes os vêem como uma cultura distinta das outras (Dias, 1995; Mühlbach, 2004). Todos os entrevistados compartilham a “noção” de pertencer ao ou de se originar no local. Estes moram e ocupam o território por várias gerações. A reprodução econômica e social restrita a um espaço entretanto não é característico da população em estudo atualmente. Alguns dos entrevistados tiveram empregos no centro da cidade, na Universidade Federal, ou em outros locais antes de se aposentarem. Suas compras nos supermercados são de produtos que provavelmente vieram de muito mais longe.

b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração.

Pode-se notar nas entrevistas um rompimento da transferência do conhecimento, principalmente pela falta de condições de reprodução desses saberes. O manejo de recursos naturais acontece em pequena escala nos quintais – quando comparado ao passado, sendo que atividades de manejo como as roças ou as lavouras foram quase inexistentes entre os entrevistados. A pesca, expressa principalmente através do cerco da tainha, (Amora, 1996, Mühlbach, 2004) é ainda importante no bairro, apesar de apenas um dos entrevistados ter desenvolvido tal atividade no passado, porém com um caráter mercantilista e não de subsistência. O cerco da tainha, porém é declarado por um dos entrevistados de Amora (1996) como um artefato recente, sendo a pesca praticada no passado apenas com tarrafas confeccionadas com folhas de “ticum”. O conhecimento da natureza, entretanto é ainda elaborado. Os entrevistados conhecem épocas de colheita, de pesca, espécies de peixes, migrações, relações ecológicas, entre outros.

No que tange o Campeche, muitos “traços culturais” que caracterizam uma sociedade tradicional não mais se adequam aos moradores nativos do Campeche. Alguns desses traços são bastante relevantes como a dependência dos recursos naturais renováveis, a importância das atividades de subsistência ou a relação de simbiose com a natureza de forma a produzir seus artigos de consumo com impacto limitado sobre o meio ambiente. Características essas que os entrevistados não compartilham. Definições baseadas numa série de traços culturais porém, tendem a apresentar uma rigidez, não permitindo visualizar as sociedades e culturas como fluxos socioculturais dinâmicos em permanente estado de transformação (Diegues e Arruda, 2001).

Sob um enfoque em particular, a tradição está presente no dia a dia dessa comunidade. Provavelmente o quintal é o local aonde esses traços se tornam mais evidentes.

Nestes espaços ainda são mantidas a criação de pequenos animais, cultivos de diversas espécies alimentícias e medicinais. São também áreas de lazer, locais de encontro com amigos antigos. E mesmo as gerações mais jovens, ainda que menos inseridos na “cultura tradicional”, são também conhecedores de parte dessa tradicionalidade pois conviveram também com os mais velhos.

6. Considerações Finais

Os quintais constituem uma relação direta com a natureza para a obtenção de alimentos, artefato cada vez mais raro no meio urbano. Representam elos no tempo, aonde diferentes culturas deixam suas marcas, visíveis na composição das plantas do quintal. São também espaços de “conservação e reprodução de saberes”, prestadores de valiosos serviços ambientais, tendo o potencial de ajudar a alcançar ou de manter a segurança alimentar.

O atual modelo de produção agrícola requer uma mudança para um modelo menos agressivo ao meio ambiente (Lacerda, 2008). O modelo de desenvolvimento no qual o urbano e o rural são simplesmente separados não leva em conta as múltiplas e complexas interações entre o ser humano, sua cultura e a de seus antepassados com o meio ambiente, muito menos as relações que seriam desejadas de um ponto de vista ecológico.

Os quintais urbanos têm potencial de geração de alimentos que deve ter a atenção dos movimentos sociais e políticos. Em estudo sobre agricultura urbana em Cuba, Altieri *et al* (1999) relatam que um grande número de quintais urbanos combinados com outros espaços abertos na malha urbana, em Havana e em outras cidades de Cuba, são uma fonte significativa de produção de alimentos frescos para as populações urbanas e suburbanas. No ano de 1996 a produção urbana no país somou 7,5 milhões de ovos, 8,5 toneladas de produtos agrícolas e 3,50 toneladas de carne.

A perpetuação dos quintais depende, porém, das pessoas. Estas têm que querer continuá-los. Os quintais requerem tempo e trabalho, como visto, normalmente de mais de uma pessoa. Há também outras questões não discutidas aqui, como a especulação imobiliária, as altas taxas de territoriais urbanos, das quais alguns dos proprietários dos maiores quintais se queixam, dentre outros. Como um espaço de “reprodução de saberes”, deve ser preservado também como local de 'produção de saberes', evitando que as condições de produção desse saber sejam erodidas. Conflitos de ordem ideológica e social muitas vezes inviabilizam perpetuação como um contínuo entre gerações.

Por um lado há uma tendência entre populações recém urbanizadas, principalmente as gerações mais jovens, de rejeitar tudo que possa lembrar a antiga vida rural – o que inclui quintais, plantas, animais etc. - identificado por certos segmentos da sociedade moderna com atraso e pobreza. Por outro lado, na cultura urbana das classes mais abastadas observa-se um movimento de 'volta à natureza' e tudo o que se relaciona a ela é percebido como mais 'saudável', mais 'puro', mais 'autêntico'. Central a esta tendência está a idealização do campo e a valorização de tudo o que é 'rural' – o que inclui quintal, plantas, animais, etc. (Amorozo, 2008, p. 23).

Na escolha das espécies básicas de sua alimentação a quase totalidade dos povos dependeu de uma estreita relação com o meio natural, até o advento do mercantilismo. As

dietas de diferentes povos em diversas partes do mundo foram, ao longo do processo de globalização, reduzidas a apenas algumas espécies de vegetais Mühlbach (2004). Sendo uma das finalidades do manejo do quintal a obtenção de alimentos, este pode ter sua valorização diminuída se os alimentos desejados não mais forem os que podem se originar no quintal.

(...) para as pessoas que vivem em meios urbanos (...) há uma oferta crescente de produtos alimentícios envoltos em novos significados. Essas podem responder com uma rápida assimilação por esses alimentos, o que não quer dizer que são imediatamente consumidos, mas sim, desejados. E esse é o primeiro passo para que ocorram alterações quanto às escolhas alimentares. (Mühlbach, 2004, p.30)

Neto *et al.* (2004) em trabalho com quintais do Assentamento Rural Rio da Areia no município de Teixeira Soares/PR, relatam a existência de espaços ociosos nos quintais. Estes poderiam ser mais bem aproveitados a fim de aumentar a produtividade, segundo os autores, com o plantio de espécies arbóreas produtoras de madeira valiosa e frutíferas de uso múltiplo.

O quintal é um ambiente propício para a conservação da biodiversidade. Os benefícios ambientais que advêm dos quintais – como sombreamento por exemplo – são mais facilmente percebidos em ambientes urbanos. São também locais agradáveis, tanto ao amenizar fatores físicos – como o vento, a radiação solar, dentre outros – como por fornecer deliciosos alimentos frescos e que não apresentam riscos à saúde. Neste contexto é proposto como potencial deste trabalho o incentivo à cultura milenar de plantio nos quintais, e seu aproveitamento para o cultivo de espécies alimentícias em especial. É proposto também que este trabalho, juntamente com outras obras da área, venha a incentivar a articulação entre sociedade, organizações não governamentais, instituições de ensino, governo e conhecimento tradicional, de forma a valorizar o saber local das populações tradicionais.

8. Referências

Agroforestry, action sheet 35. Acessado em 08/2009. Disponível em: <http://www.paceproject.net/UserFiles/File/Soils/agroforestry.pdf>.

Albuquerque, U.P., Lucena, R.F.P., Neto, E.M.F.L. 2008a. Seleção e escolha dos Participantes da Pesquisa. Albuquerque, U.P. Etnobotânica Aplicada para a Conservação da Biodiversidade. In: Albuquerque, U. P. and Lucena, R. P. (orgs.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA-COMUNIGRAF, p.21-40.

Albuquerque, U.P., Lucena, R.P., Alencar, N.L. 2008b. Métodos e Técnicas Para Coleta de Dados Etnobotânicos. In: Albuquerque, U. P. and Lucena, R. P. (orgs.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA-COMUNIGRAF, p.41-72.

Albuquerque, U.P. 2008. Etnobotânica aplicada para a conservação da biodiversidade. In: Albuquerque, U. P. and Lucena, R. P. (orgs.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA-COMUNIGRAF, p.227-240.

Albuquerque, U.P, Andrade A.H.C, Caballero, J. 2005. Structure and floristic of homegardens of Northeastern Brazil. **Jornal of Arid Environments** 62. p. 491-506

Alcorn, J. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: ed. R.E. Schultes e S. vom Reis. **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Discorides Press., p. 23-39.

Altieri, M.A. 2002. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: **Agropecuária**.

Altieri, M.A. 1999. The ecological role of biodiversity in agroecosystems. **Agriculture, Ecosystems and Environment** 74. p. 19-31.

Altieri, M.A., Companioni, N., Cañizares, K., Murphy, C., Rosset, P., Bourque, M., Nicholls, C.I. 1999. The greening of the "barrios": Urban agriculture for food security in Cuba. *Agricultura and Human Values*. v.16, p.131-140.

Amora, A.M.G.A. 1996. O lugar público no Campeche. Dissertação de mestrado. Florianópolis/UFSC.

Amorozo, M.C.M., 2008. Os quintais – funções, importância e futuro. In: **Quintais mato grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. Neto, G. G. e Carniello, M. A (org.). Cárceres/MT: Editora Unemat.

Araújo, E.L., Ferraz, E.M.N. 2008. Análise da vegetação: amostragem, índices de diversidade e aplicações na etnobotânica. In: Albuquerque, U. P. and Lucena, R. P. (orgs.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA-COMUNIGRAF, p.41-72.

Assis, A.L.A.A., 2007. Os agricultores tradicionais do Sertão do Ribeirão (Florianópolis/SC) e a conservação da diversidade de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz-Euphorbiaceae). Trabalho de conclusão de curso pela UFSC.

Begon, M., Townsend, C., Harper, J. 2006. **Ecology: from individuals to Ecosystems**. Blackwell Publishing Ltd, 4^oed.

Campanário, P. 2007. Florianópolis: dinâmica demográfica e projeção da população da população por sexo, grupos etários, distritos e bairros (1950-2050). Prefeitura Municipal de Florianópolis/Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.

Caruso, M. M. L. 1990. O desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias atuais. Florianópolis: Ed. da UFSC.

CECA, 1996. Uma cidade numa ilha. Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. FNMA – MMA – Florianópolis: Insular.

Cunha, M. C. 1999. Estudos Avançados 13. Conferência do Mês do Instituto de Estudos Avançados da USP feita pela autora em 17 de junho de 1998.

Diegues A. C. e Arruda R. S. V. (orgs.), 2001. Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. (Biodiversidade 4).

Dias, V.L.N. 1995. Tantos Campeches quantas imaginações: um estudo sobre o espaço do Campeche. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC.

Duque-Brasil, R., Soldati, G.T., Costa, F. V. da, Marcatti, A. A., Reis-Jr., R., e Coelho, F. M.G. 2007. Riqueza de plantas e estrutura de quintais familiares no semi-árido norte mineiro. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 2, p. 864-866, jul.

- FAO. 1982. Tropical Forests Resources. Forestry paper n°30. Rome/FAO
- Fernandes, E.C.M e Nair, P.K.R. 1986. An evaluation of the structure and function of tropical homegardens. In: **Agricultural Systems**. v. 21, p. 279-310.
- Fox, V.V. 1999. **Diversidade e uso de plantas nos quintais de Ferraz, município de Rio Claro – SP**. Monografia de graduação em Ecologia. Rio Claro/USP.
- Garrote, V. 2004. **Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamangá, Paraty – RJ**. Dissertação de mestrado. Piracicaba/USP//ESALQ.
- Gliessman, S. R. 2005. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 3 ed.
- Guarim, V. L. M. S e Neto, G. G. 2008. Composição da vegetação em quintais no bairro do Porto em Cuiabá. Em: Neto, G. G. e Carniello, M. A. (orgs). **Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. Cárceres/MT: Editora Unemat.
- Hanazaki, N. 2004. Etnobotânica. Em: Begossi, Alpina (org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec; Nepam/Unicamp; Nupaub/USB; Fapesp.
- Kumar, B.M. 2006. Carbon sequestration potential of tropical homegardens. In: Kumar, B.M. e Nair P.K.R. (eds.). **Tropical homegardens: a time-tested example of sustainable agroforestry**. Springer-Netherlands, p.185-204.
- Lacerda, V.D. 2007. Etnobotânica em quintais rurais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis – SC. Projeto de pesquisa do trabalho de conclusão do curso Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências Biológicas.
- Lisboa, A. M. 1997. Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza: o jeito manezinho de ser. In: Ilhas e Sociedades Insulares. Diegues, A. C. (org). NUPAUB – USP – São Paulo.
- Lorenzi, H., Lacerda, M., Bacher, L., Sartori, S. 2006. Frutas brasileiras e exóticas cultivadas de consumo in natura. Instituto Plantarium.

- Maciel, M.R.A., Neto, G.G. 2008. Uso dos recursos vegetais na área rural do município de Juruena. In: **Quintais mato grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. Neto, G. G. e Carniello, M. A (org.). Cárceres/MT: Editora Unemat.
- Moura, C.L. e Andrade, H.C. 2007. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: Estudos no bairro da Moribeca, Jaboatão dos Guarápes – PE. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 219-221, jul. 2007.
- Mühlbach, R. 2004. Plantar, pescar, cozinhar e comer: estudando o sabor local. Dissertação de pós-graduação em Agronomia na UFSC para a obtenção do título de mestre em Agroecossistemas.
- Mühlen, G.S., Martins, P.S., Ando, A. 2000. Variabilidade genética de etnovarietades de mandioca, avaliada por marcadores de DNA. In: **Scientia Agrícola**, v.57, p.319-328.
- Nair, P.K.R. 1991. State-of-art of agroforestry systems. In: **Forest Ecology and Management**. v.45, p.5-29.
- Neto, R.M.R., Byczkowski, A., Winnick, J.A., Simão, S.M.M., Pasqualotto, T.C. 2004. Os quintais agroflorestais do assentamento rural Rio da Areia, município de Teixeira Soares, PR. **Cerne, Lavras**, v. 10, n. 1, p. 125-135, jan./jun.
- Neves, P.C.F., 2003. Do Valor do Espaço ao Valor no Espaço no Distrito Campeche, Florianópolis - SC. *Dissertação de mestrado em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina*.
- Niñez, V. 1984. Household gardens: theoretical considerations on an old survival strategy. **Food Systems Research Series**, v.1, p.1-41.
- Peri, P.L. 1999. Na agroforestry system in New Zealand: Interactions between pine trees and understorey pasture. In: Publicación Técnica Forestal nº13. UNPA/INTA/CAP.
- Peroni, N. Agricultura de pescadores. 2004. In: Begossi, A. **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec; Nepam/Unicamp; Nupaub/USB; Fapesp.
- Perreli, M.A.S. 2008. “Conhecimento Tradicional” e currículo multicultural: Notas com base em uma experiência com estudantes indígenas Kaiowá/Guarani. *Ciência e Educação*, vol. 14, n. 13, p. 381-96.

Posey, D.A. 1987a. Introdução – Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, D. (Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1: Ribeiro, B.G. (Coord.): Etnobiologia. Petrópolis: Vozes. p.15-25.

Posey, D.A. 1987b. Manejo da Floresta Secundária, Capoeiras, Campos e Cerrados (Kayapó). In: Ribeiro, D. (Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1: Ribeiro, B.G. (Coord.): Etnobiologia. Petrópolis: Vozes. p.173-185.

Poubel, R. de O. 2006. Hábitos Alimentares, Nutrição e Sustentabilidade: Agroflorestas Sucessionais como Estratégia na Agricultura Familiar. Dissertação de Mestrado (UnB – CDS, Mestre, Políticas e Gestão Ambiental) – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável.

Prance, S.G. e Nesbitt, M. 2005. The cultural history of plants. Routledge, New York.

Souza, V.C., Lorenzi, H. 2005. Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.

Swaminathan, M.S. 1987. Section Two: Perspectives on agroforestry. The promise of agroforestry for ecological and nutritional security. **Agroforestry: a decade of development**. International Council for Research in Agroforestry – ICRAF.

Web sites:

A figura 1 (mapa) e informações sobre o Distrito Campeche estão disponíveis em <http://www.planodiretorfloripa.sc.gov.br/arquivos_pdf>. Acessado em 08/2008.

Anexo I – Termo de Consentimento ou Anuência Prévia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica

Termo de Consentimento (Anuência Prévia)

Meu nome é Thiago Marques Ribeiro, sou estudante de Biologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Estou trabalhando em uma pesquisa que visa conhecer as plantas cultivadas em quintas pelos moradores tradicionais do Campeche. Ao registrar o conhecimento da comunidade tradicional a respeito de plantas para alimentação, essa pesquisa pode contribuir para a preservação deste conhecimento tradicional, além da possibilidade de ajudar a valorizar a prática de plantar nos quintais.

Como nada se faz sozinho, as outras pessoas envolvidas nesta pesquisa são a Bióloga e estudante do Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal pela UFSC, Elisa Serena Gandolfo e a professora Natalia Hanazaki, do Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC.

Para que esse trabalho possa ser realizado, pediremos a sua permissão para lhe fazer algumas visitas, conversar sobre as plantas, andar pelo quintal para podermos ver essas plantas e algumas vezes coletar partes delas, como folhas, flores e frutos, unicamente para fazer a identificação botânica das plantas apontadas. Também pediremos sua permissão para tirar fotografias das plantas e de vocês. A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. A participação na pesquisa é voluntária e é importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro com esta pesquisa e que os resultados serão passados a vocês e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso endereço e telefone são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas / Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, CEP88010-970 Telefone: 3721-9460. Ou através de e-mail – imaildothiago@gmail.com.

Entrevistado: Depois de saber sobre a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Data: _____

Local: _____

Entrevistado

Entrevistador

Anexo II – Dados do informante

Nome do entrevistador: _____	Data: _____	
Número da casa: _____	Nome da Rua: _____	Bairro: _____
Número da entrevista _____		
1. Nome: _____	2. Sexo: _____	
3. Idade: _____	4. Estado civil: _____	
5. Nº de filhos: _____	6. Número de residentes: _____	
7. Local de nascimento: _____		
8. Residência/ Sítio: a) própria b) alugada c) outros: _____		
9. Principal fonte de renda: _____		
10. Outras fontes de renda: _____		

Qual a renda mensal da família em reais ou em salários mínimos?

- () até 1 () 4 a 6 () 10 a 15 () >20
() 2 a 3 () 7 a 9 () 16 a 20

Recebem algum benefício do governo federal, governo estadual ou da prefeitura?

- () Bolsa Família () Bolsa Escola () Vale Gás ()

Outro _____

3) Qual a sua escolaridade?

4) Há quanto tempo mora neste local?

5) Como o senhor chama a área ao redor da casa aonde se planta frutas, hortaliças, plantas para chá, etc?

5.1) O que o senhor(a) considera como quintal?

6) Há quanto tempo a casa/quintal pertence à família?

7) Qual o tamanho total (aprox.) do quintal? E o da casa?

8) O quintal já foi:

- a) () maior que é atualmente?
b) () menor que é atualmente?

9) Por que planta? (o que motiva a plantar no quintal)?

- () consumo familiar () lazer
() comércio () outro: _____

10) a) Quantas pessoas cuidam do quintal?

b) Quem são elas?

c) Quanto tempo gastam? (todo dia 1h, 2h ou mais tempo, so no final de semana, etc)

11) Qual a importância do quintal para alimentação diária?

a) grande b) média c) pequena d)nenhum

12) Além do quintal o senhor(a) cultiva alguma roça?

() não () sim – Quantas roças e de que?

13) No passado, o que era considerado quintal para o senhor(a)?

14) Era diferente do que é hoje em tamanho, plantas que cultivavam, função (havia criações de animais) etc?

Anexo III – Inventário

Inventário:

Nome comum	Uso ¹	Manejo ² (C/E)	Forma de obtenção ³	Origem (de onde veio e local?) ⁴	Já doou para alguém? (para quem?)	Número de pés (vasos)	Observação

1 – Declarado pelo informante; 2 – C = cultivada, E = espontânea; 3 – ganhou, comprou, colheu, outros; 4 – Local de origem

ANEXO IV – Imagens de algumas das plantas mais citadas



esquerda: *Citrus limonia* (Limão galego). Direita: *Butia* sp. (Butiá)



esquerda: *Ocimum* sp (alfavaca). Direita: *Musa* sp. (banana). Todas as fotos deste trabalho foram registradas pelo autor, Thiago Marques Ribeiro. É permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.